O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Chaves

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$800; semestre 650. Colonias portuguezas, salvo quando os assignantes mandem pagar directamente, 1$600. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 31 DE JULHO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 réis a linha. Primeira pagina 1$000 réis. Ultima pagina — pagina d'annuncios — 40 réis a linha. Em qualquer pagina a linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

N° 1:371

HORA DECISIVA!

Nunca tivemos caracter. Infelizmente! Ha mais de vinte annos que eu disse, textualmente, no livro que escrevi sobre a revolta de 31 de janeiro:

O nosso *deficit* é intellectual. E' moral, antes de tudo. Pode o paiz possuir grandes recursos materiaes e possue-os, realmente. Pode ter dentro de si grandes fontes de receita. Se não houver capacidade, e não basta a d'uma duzia de homens, para aproveitar esses recursos, se não houver caracter para obstar intransigentemente ás especulações e aos especuladores, para firmar em bases serias a dignidade publica, para estabelecer em todos os ramos de serviço a moralidade indispensavel, todos os recursos materiaes e todas as fontes de receita são impotentes e inuteis.

Não temos caracter, não, e reconhecem-no nacionaes e extrangeiros!

No *Supplemento Litterario do Povo de Aveiro* vimos analysando as opiniões d'um extrangeiro distincto sobre Portugal. Poinsard esteve aqui. Viu isto. Estudou isto. Foi para o seu paiz. Escreveu, na sua lingua, um bello trabalho sobre as suas impressões. E o que diz elle? Em resumo, o que diz elle? Que somos, que sempre fomos um povo *desorganisado*.

Desorganisado! Attendam no termo, que diz tudo.

Nunca tivemos methodo, nunca tivemos ordem, nunca tivemos disciplina, nunca tivemos regimen de trabalho. Nunca tivemos instrucção. Nunca tivemos caracter.

Di-lo Poinsard. E di-lo muito bem.

Vivemos sempre da exploração, da ociosidade, do emprego publico, da pilhagem. Explorámos a India pelo emprego publico e roubando. Explorámos o Brazil pelo emprego publico e roubando.

Nunca creámos uma industria. Nunca creámos um commercio. Paiz agricola, nunca tivemos, digna de tal nome, uma agricultura.

Veio o D. Miguel e em nome da liberdade vencemos o D. Miguel. Para quê? Para roubar, para espatifar tudo isto. Roubámos, espatifámos os bens dos conventos, e roubámos e espatifámos, a pretexto *d'indemnisações*, os bens dos miguelistas. Foi-se a India. Foi-se o Brazil. Mas nós continuámos fidalgos, ociosos, vadios, ladrões. Continuámos a viver do emprego publico. Continuámos a explorar o thesouro nacional. Continuámos organisados em bandos, em quadrilhas, em infames oligarchias, para nos roubarmos uns aos outros.

E' certo, para nos roubarmos uns aos outros. Vida de quadrilhas, vida de bandidos, vida de ladrões.

Mas isto pode lá ser? Mas isto pode lá continuar?

Os miguelistas não eram bons. Os liberaes foram peores. Foram os liberaes que escreveram a historia, ennegrecendo, como fazem todos os vencedores em relação a todos os vencidos, os actos de D. Miguel e dos seus apaniguados. Ora a verdade é que D. Miguel e os miguelistas não eram bons. Mas os liberaes foram peores.

No tempo de D. Miguel viu-se esta coisa estupenda, que só se praticava em Marrocos: as cabeças dos enforcados a serem espetadas em paus, e os paus a serem enterrados nas ruas, defronte das janellas das casas em que habitavam as familias das victimas desgraçadas! O bello povo de coração terno! O bello povo da brandura de costumes!

Mas no tempo dos liberaes viu-se este facto não menos estupendo e horrendo: os cadaveres dos miguelistas assassinados serem transportados, nus, atravez das povoações, atravez das cidades, como succedeu aqui, n'esta cidade d'Aveiro, e, depois, em assembléa, em festa publica, em sessão solemne, em comicio, horrivelmente mutilados. Eu ainda conheci, aqui, em Aveiro, um bandido, que, alli, no Rocio, enterrava um punhal, perante a plebe enthusiasmada, nos cadaveres mutilados dos Craveiros, para levar á lingua a ponta do punhal e... beber, sedento de vingança, o sangue dos desgraçados!

Um facto isolado? Não. *Centos d'elles*, precisamente identicos, precisamente eguaes, ou peores ainda, se deram no Minho, na Beira, sobretudo na Beira, na Extremadura e no Algarve.

O bello povo de coração terno! O bello povo da brandura dos costumes!

Os liberaes foram ainda mais crueis do que foram os miguelistas. E muito mais ladrões!

A liberdade foi uma capa com que se encobria a explosão do sentimento selvagem, o espirito de banditismo nacional.

O mesmo está succedendo com a republica.

Os liberaes foram peores do que os miguelistas. Muito peores! Os republicanos são peores, muito peores, que os liberaes.

Os constitucionaes triumpharam para roubar. Para roubar, só para roubar, querem triumphar os republicanos.

Isto pode lá ser!

Esse partido republicano prova bem, mais que tudo, a ausencia completa da vergonha, do pudor, do escrupulo, que caracterisa o caracter nacional. Isto é, que em Portugal não ha caracter.

Só um partido sem vergonha, sem vestigios de vergonha, ignobil, prostituido até á medulla dos ossos, consentiria á sua frente os ultimos bandalhos. Consentiria á sua frente!... Elle exalta-os! Elle acclama-os como symbolos de virtude e honra da patria! Os ultimos bandalhos! A mais infima escoria social, como está na consciencia de todo o mundo, a começar na consciencia d'elles proprios!

Pois querem demonstração mais eloquente, mais fulminante, mais clara, da degradação, da prostituição do caracter nacional?

Partido que exalta e consagra esses bandidos, esses bandalhos, é, todo elle, um partido de bandidos. Todo elle! Um partido de pulhas. E paiz que supporta esse partido é, por seu turno, um paiz degenerado, aviltado.

Dizemos isto para arrancar a esperança, para levar á alma nacional a convicção absoluta de que é inutil luctar? De modo algum. Se Portugal tem defeitos, Portugal tem virtudes. Muitas virtudes. Portugal explorou o Brazil, mas fundou o Brazil. Fundou um grande imperio colonial. Fez muitas obras boas. E' susceptivel de regeneração, de vida, de progresso.

Reconhece-o, confessa-o, o mesmo escriptor extrangeiro de quem acabamos de falar: Poinsard.

Mas o que Poinsard tambem reconhece e confessa é *que não temos tempo a perder*.

E, de facto, não ha tempo a perder. Portugal ou *se levanta já*, ou não se levanta nunca. Esta é a hora decisiva.

Temo-lo dito e repetimo-lo: o paiz atravessa, n'este instante, a maior crise da sua historia.

Oiçam! Oiçam os patriotas, os homens intelligentes, os homens de bom senso, que ainda existem em Portugal: o paiz atravessa, n'este instante, a maior crise da sua historia!

Triumpha o banditismo, que teixeiristas, dissidentes e republicanos representam? Ou, antes, que o partido republicano, em ultima analyse, synthetisa? Portugal está perdido. Mas completamente perdido. Fica aniquilado. Nunca mais se levanta.

Nós temos de remediar, ou não ha salvação possivel para nós, oitenta annos desastrados da nossa historia. Que não foram inteiramente perdidos, porque não ha nada inteiramente perdido na evolução do tempo, mas que foram errados e completamente desaproveitados.

O paiz não estava preparado para o constitucionalismo, como ainda hoje não está preparado para a republica. Foi um erro historico proclamar, n'aquella altura, o regimen constitucional. Proclamar a republica seria a continuação d'esse erro historico.

O constitucionalismo foi uma etiqueta, como agora a republica, para impingir, como bons, productos falsos. O constitucionalismo foi uma bandeira de contrabando, como agora a republica, para, á sombra d'ella, os contrabandistas negociarem.

O constitucionalismo foi, como agora a republica, um pretexto, uma cilada, uma traição. Uma maneira ignobil de seduzir e arrastar as multidões.

As multidões não tinham e não teem nenhuma consciencia democratica. A gente ouve-as n'uma reunião republicana apoiar, indistinctamente, contradictoriamente, todas as affirmações e todos os desconchavos. Nos comicios, applaudem o que não ouvem. Berram, por ouvirem berrar.

Isto é um facto d'observação comezinha. Qualquer o pode verificar.

As multidões estão bestialisadas e desmoralisadas. Animalisadas. O seu instincto de liberdade é o do burro, quando lhe tiram o freio e a albarda. O burro só espinoteia de alegria quando o poem á solta. As multidões, em Portugal, deliram á idéa de as deixarem satisfazer, á vontade, todos os seus caprichos e desejos bestiaes. Não é a liberdade o seu norte, nem o trabalho. E' a desordem e a ociosidade.

Sem instrucção, sem educação, sem consciencia, sem caracter nas multidões, a liberdade, a democracia, limitou-se a uma lucta de interesses entre quadrilhas organisadas. Acabou-se o morgadio dos morgados e ficou o morgadio dos politicos. Isto é d'elles. Absolutamente d'elles. Exclusivamente d'elles.

E' uma insignificante minoria explorando, como senhores de roça, os escravos que constituem a enorme maioria.

Os politicos, em Portugal, formaram uma casta. Com as suas regras, os seus preconceitos, as suas convenções, a sua moral, o seu alcorão. Moral fechada. Alcorão indiscutivel. Como as quadrilhas! As authenticas, as legitimas quadrilhas de assassinos e ladrões! Tambem estas teem a sua moral, a sua regra, a sua disciplina. Terrivel disciplina! Quem faltar a ella, é morto a tiro ou cosido a facadas.

As quadrilhas afugentam, no monte, nas estradas, nos pinhaes, nas mattas, as consciencias honestas. Afugentam e aterram. Deante d'ellas, tudo se retrahe, tudo emmudece, apavorado.

A acção das quadrilhas politicas é a mesma. Quem tem consciencia, foge.

Foge a consciencia e foge a intelligencia. Por via de regra, a intelligencia do bandido, quer bandido d'estrada, quer bandido politico, é mediocre. Supprem a falta de intelligencia san pela astucia, a velhacaria, a esperteza de rato. Uma san intelligencia, san e larga intelligencia, não se quer defrontar com a esperteza de rato, fertil em chicanas, em sophismas, em *trucs* desleaes, vis, traiçoeiros. E esconde-se, como a violeta cheia d'aromas e d'encantos. Deixa o campo livre ao escalracho.

O politico, esse politico safado que tem o seu melhor specimen na raça portugueza, é aventureiro, atrevido, desavergonhado, garoto, canalha. O homem de bem não quer luctar com elle. Deixa-o! Volta-lhe as costas! Vae-se!

Imaginae então: um paiz com oitenta por cento d'analphabetos. Com oitenta por cento dos homens cultos retrahidos. Dos homens cultos e intelligentes. Que se retrahem por orgulho, pudor, respeito de si proprios. E ahi tendes uma patria *á mercé, inteiramente á mercé*, de meia duzia de quadrilheiros. A saque!

Isto é um morgadio! Isto é d'elles! De meia duzia. Mas é d'elles! Um morgadio que, para cumulo de desgraças, se abandona, se desbarata, se explora, sem amor nenhum á propriedade. *Après moi, le déluge*. Esta divisa d'um devasso, d'um cynico, d'um bandido, é a divisa que tomaram os politicos *libaraes* em Portugal.

Foi um erro, um tremendo erro, um desastre, deixar crear folego ás quadrilhas constitucionaes. Mas ei-las abatidas, e logo em frente se offerece, com a sua moral requintada, refinada, a quadrilha republicana.

Hora decisiva! Esta é a crise maior da nossa historia!

Nunca as quadrilhas em Portugal chegaram ao cynismo a que chegou a quadrilha republicana. Nunca a sua desvergonha, o seu despreso por todos os principios, os mais elementares, de verdade, de justiça, de moral, de pudor, foi tamanho. Nunca se viu consagrar a infamia com tanta audacia. Esse espectaculo excede todos os espectaculos de torpeza que se teem visto em Portugal. Triumpha o partido republicano? Não triumpha a republica. Não triumpha a democracia. Não haja illusões! Ai d'aquelles, socialistas, republicanos, anarchistas que as teem! Triumpha o banditismo na sua expressão mais pura. Mais completa. Mais arreigada. Acabou de se dissolver o caracter nacional. Sem esperança! Desapparece um povo da historia. Sem tornar a reapparecer. Jámais!

O partido republicano, recalcado, castigado, duramente castigado, como exigem os seus crimes, o espectaculo affrontoso da sua perversidade, pode redimir-se, e vir a ser uma garantia de salvação d'esta nacionalidade. Como está... não triumpha a republica. Triumpha a infamia!

Será a continuação, irremediavel, d'um grande erro historico.

E quem lhe abriu agora o caminho foi, precisamente, o rei de Portugal!

O partido republicano luctava com grandissimas difficuldades. Um ministerio de força, e elle bem o sabia, esmagava-o. Elle bem o sabia! E, porque o sabia, fazia esforços desesperados, não só por deitar abaixo o governo, como, sobretudo, por impedir que sahisse das maiorias parlamentares *um governo mais forte*.

Pois quem lhe aplanou o caminho, quem o tirou de difficuldades, foi, precisamente... o rei de Portugal!

Tremenda asneira!

E tremenda responsabilidade!

És coherente, pulha de bem!

Cabrito Macho, esse a quem uns idiotas andam para ahi, confundindo, a chamar "homem de bem", está inconsolavel, porque falharam os tiros de Rozas contra Maura.

E's coherente, pulha de bem!

Deves ter um grande odio a Maura, miseravel! Deves ter! Tu, tão covarde, tão abjecto, que nem força tiveste para protestar... contra o Cunha e Costa!

Tu, que "gramaste", miseravel, o... Cunha e Costa!

Tu, que nunca tiveste energia, miseravel, para repellir, para fulminar, n'um impeto honrado de indignação, os bandidos do teu partido que deshonram a democracia e esta patria.

Tu, que te agachaste deante de João Franco, para só o escoiceares quando o viste cahido, qual outro burro a escarnecer o velho leão da "fabula".

Tu, que, quando a consciencia te aperta muito, não passas, n'uma impunidade de bobo ou cãosito fraldiqueiro, de chalacear ou mordiscar. E isso mesmo tão baixo e tão pouco que não passe... d'um murmurio de verdade!

Miseravel, que deves ter fundo odio a Maura, **áquelle homem!**

Miseravel!

Sua Majestade viaja!

Sua Majestade a Rainha... viaja!

Ha muito tempo que não via Sua Majestade El-Rei. E como não via ha muito tempo Sua Majestade El-Rei, de saudades, como o Teixeira de Souza, partiu para o Bussaco... a visita-lo!

Teixeira de Souza chegou a Lisboa, ido do Bussaco. E Sua Majestade a Rainha partiu logo de Lisboa... para o Bussaco.

E na gare do Rocio, quando Sua Majestade a Rainha embarcava, deu-se isto, que vem referido no *Correio da Manhã:*

O sr. ministro dos negocios estrangeiros, logo que Sua Majestade chegou começou cochichando com a mãe de El-Rei e n'esse cochichar esteve largo tempo, até que o sr. Teixeira de Sousa se approximou e com Sua Majestade teve tambem larga conferencia em voz baixa, voltando depois a cochichar o sr. ministro dos estrangeiros que falou pelos cotovellos, e tanta coisa parecia ter que dizer que até saltou para dentro do salão em que Sua Majestade ia, só de lá sahindo quando o comboio já ia em marcha.

A inconveniencia dos dois presidentes de conselho de ministros foi muito notada, como era de esperar, pois obedecia ao proposito evidente de convencer as pessoas presentes de que Sua Majestade a Rainha intervem nos negocios publicos e com ella tanto teem que conferenciar os dois chefes de governo, que até mesmo á ultima hora, indo já o comboio em marcha, lhe teem que dizer.

Donde se conclue que o Alpoim telegraphou ao *Cricas* e escreveu á dama do Paço, gritando:

Mexeu-se o Buissa na sepultura. Se o rei não dá a amnistia, e quanto antes, elle levanta-se e salta o muro do cemiterio.

Ora vamos a ver se isto é assim, ou não é.

Fica içado o camaroeiro, que é signal... de moiro na costa!

Registo civil

São admiraveis!

Os do *Registo Civil*, com o Bombarda á frente, foram pedir o registo civil obrigatorio ao ministro da justiça.

Mas para que? Registo obrigatorio para que? Para o Bombarda usar, emfim, do registo civil nos actos solemnes da sua vida e da vida da familia?

Para o Rachado, o *Calcinhas*, deixar, emfim, de mandar os filhos á Egreja?

Para o *Ceroilinhas*, o idiota, o farçante, que anda a escrever, na revista franceza *Les Documents du Progrès*, artigos contra o clericalismo portuguez, ter, emfim, a vergonha precisa para cohonestar a sua antiga propaganda d'anarchista deixando d'ir receber os sacramentos á Egreja?

Para o *Fraldinhas*, filho do *Calcinhas*, e cunhado do *Ceroilinhas*, deixar, emfim, de receber a benção clerical quando, novamente, quizer ligar-se a uma mulher?

Para o n.º 1, o rei dos bandidos, deixar, emfim, de mandar metter os filhos na pia baptismal?

Isto é a sucia mais descarada, mais desavergonhada, mais safada que se tem visto!

Se os miseraveis, dizendo-se livres pensadores, **nunca usaram** do *registo civil*, tendo campo aberto e direito amplo de o fazer, como ousam reclamar o registo civil obrigatorio para os que não são livres pensadores?

E convem notar que a sua propaganda, a favor do registo civil, tem todo o caracter anticlerical, e não, de fórma alguma, um caracter meramente legalista.

Essa questão do registo civil obrigatorio tem dois aspectos: o religioso e o *legalista*, ou meramente *civilista*. Ha quem defenda o registo civil obrigatorio *sem nenhum espirito anti-religioso*. E ha quem o defenda como um acto importante de propaganda *anti-religiosa*. Este é o caso — todos o sabem — dos republicanos portuguezes. Sectaristas, profundamente sectaristas, fanaticos, elles não teem outro proposito que o da propaganda anti-religiosa com a questão do registo civil.

Ora, sendo assim, é manifesta, incontestavel, a hypocrisia, a especulação, a indecencia, mesmo, d'um pulha, que vae reclamar o *registo civil obrigatorio*, não tendo nunca, para si, feito uso do registo civil.

Se elle fosse um praticante, um fervoroso adepto do registo civil, não havia que estranhar, nem que censurar. Mas, não o sendo, ha de confessar-se que é pulha. Não tem outro nome. E' pulha. Precisamente o caso da grande maioria dos republicanos portuguezes.

Grandes farçantes! Grandes pulhas!

Bernardino, Bombarda, Affonso Costa, quasi todos elles, *nunca usaram* do registo civil.

Casamentos, baptisados, obitos, tudo elles teem registado religiosamente, nos actos da familia. Mas exigem que os outros sejam forçados... a fazer os registos civilmente!

E então, vá lá, terão a condescendencia, para *agradar ao povo*, de tambem elles passarem... a registar-se civilmente!

Suas majestades livres pensadeiras acedem... a descer das aristocracias religiosas, das tamancas fidalgas, para acompanharem... a popular democracia.

Eu não posso vêr estes pulhas!

Tão pulhas, tão farçantes, tão especuladores, tão hypocritas, que, francamente, a minha magua é morrer sem ter visto... queima-los vivos!

A intentona

Affirma-se, affirmam-no gazetas republicanas e dissidentes, que varios officiaes da guarnição de Lisboa preparam uma *intentona*.

Só officiaes da guarnição de Lisboa? E' deploravel que assim seja. E' indispensavel que se juntem officiaes de todo o exercito. Indispensavel e urgente!

A mais importante guarnição do paiz é, sem duvida, a guarnição de Lisboa. Que a iniciativa parta dos officiaes de Lisboa, está bem. Que se juntem e se façam os maiores esforços em Lisboa, bem está. Mas que o resto do exercito esteja preparado para secundar Lisboa, logo que seja necessario.

Nós não recommendámos que se fizesse nova *intentona*. Nem, evidentemente, é isso que se prepara. Deixemos o ridiculo do termo, e com que elles pretendem desprestigiar os amigos da ordem, aos republicanos. O que nós recommendámos, e vivamente, o que nós aconselhâmos, é que os officiaes patriotas se congreguem, se reunam, se entendam, emfim: se preparem para um esforço supremo em favor da salvação nacional.

Isto está muito sério. Não cessaremos de o dizer: está muito sério. E quem aggravou notavelmente, extraordinariamente as circumstancias, foi o rei, com o seu procedimento insensato.

A chamada dos teixeiristas deu, **n'um mez**, o resultado que se está vendo. Deu essa onda de torpeza, que ahi vae. Deu esse affluxo de desordem, que se vê. Se isto no fim d'um mez é assim, ao fim de tres ou quatro mezes o que será?

Não queremos incitar ninguem. Queremos só prevenir. Por isso mesmo estamos escrevendo em absoluta calma, com perfeita serenidade.

Não somos partidario de revoluções militares, nem da intervenção do exercito na vida politica da nação. Mas... para grandes maies, grandes remedios.

Nem o exercito precisava d'intervir, nem ninguem, se, boas ou más, houvesse leis. Mas não ha leis! A verdade é que não ha leis!

Nós estamos, perante a desordem, *inteiramente desarmados*. Tudo pactuou com ella. Tudo! Até o rei. Agora, até o rei!

Fez-se uma lei a que se chamou *regulamento da camara*. Servia para regular as sessões. Para o bom andamento das discussões. Para manter a ordem dentro da camara. N'outro dia, com pasmo, viu-se que a lei não attingia o caso de meia duzia de deputados se resolverem a não deixar funccionar a representação nacional!

Assim o diziam o governo e os amigos do governo. Estupendo! Mas é assim mesmo.

Juntam-se meia duzia de deputados. E resolvem não deixar funccionar a camara. Como? Insultando, berrando, partindo as carteiras. *Expulsem-nos*, grita a nação indignada. Responde o governo: *A lei não o permitte; não ha meio!*

Hein?!

Está na memoria de todos o barulho que houve por causa d'essa lei. O barulho que houve! E, afinal... não ha lei. Chegámos a esta conclusão: não ha lei! A camara dos deputados, a representação nacional, está á mercê do mais reles, do mais vil arruaceiro.

Foi uma campanha medonha contra a lei d'imprensa. Medonha! Afinal... só serviu para os republicanos satisfazerem as suas vinganças. E' estupendo? E' estupendo. Mas é assim mesmo!

Só serviu para perseguirem com ella os adversarios. Ainda n'outro dia a empregaram contra nós, sacando-nos do bolso cem mil reis.

Contra elles, não. Elles livram-se d'ella por meio d'amnistias, ou do castigo aos magistrados que ousarem requerer contra elles a sua applicação.

O delegado de Aveiro processou-nos. Não podia arranjar melhor recommendação para o governo! Mas o delegado Correia Leal requer processo contra elles? Está perdido!

Juiz que os absolva, ou que os deixe fazer o que elles querem, tem as boas graças *libaraes* a acarinhal-o. Ver Horta e Costa! Mas juiz que os condemne tem a maldição de todos. Rodrigues dos Santos, por exemplo!

O juizo d'instrucção criminal vae ser reformado. Porquê? Porque ousou descobrir o auctor do crime de Cascaes, as associações secretas e bulir no regicidio.

O assassino de Cascaes não soffre nada. Vae ser absolvido! Os membros das associações secretas não soffrem nada, ou pouco soffrem. Vão ser amnistiados! Os regicidas ficam impunes. Mas só pela audacia que teve o juiz d'instrucção criminal em metter o nariz em tudo isso, o juizo d'instrucção criminal vae ser dissolvido.

E' assim em tudo e por tudo.

Deante da desordem, estamos absolutamente desarmados. Absolutamente!

Até aqui ainda tinhamos uma garantia. Era o rei. Mas... era uma vez rei!

Então que querem? Então que esperavam? Então de que se queixam? Os republicanos crearam sempre estas situações. Elles e só elles!

E' claro que o exercito conspira. E' claro que o exercito, unica classe onde, felizmente, domina pouco

a politica, se prepara para resistir. Mas não podia, mas não devia deixar de o fazer!

Quem o levou, porem, a isso? Porventura, não foram os republicanos?

Então esperavam que o exercito beijasse tambem o pé ao Margarido?

Tolo seria o exercito se não oppozesse conspiração a conspiração. Descancem, que hão de encontra-lo pela frente!

Comprehendia-se a amnistia, o perdão, todos os perdões, todas as amnistias, todas as transigencias, todas as branduras, se os republicanos fizessem uma politica leal e séria. Mas se a politica d'elles foi, é e será tudo quanto ha de mais torpe? De mais vil? Todas as transigencias com elles representam a mais infame traição ou a mais revoltante covardia.

Agora mesmo, na altura d'este artigo, eu recebo o *Primeiro de Janeiro*. Abro, leio, e vejo n'elle, sob o titulo *Padres e Militares*, este telegramma de Lisboa:

Lisboa, 27 — *Diz hoje o "Dia„ que no norte do paiz, e especialmente no Porto, se tem feito tentativas, junto de officiaes do exercito, para uma "intentona„, de caracter conservador e clerical. E accrescenta: "Podemos fazer esta affirmativa, porque temos, a esse respeito,* informações positivas. *Em Lisboa, não se ignora que tem havido movimentos n'este sentido, iniciados em tempo de governos anteriores.*

Quer no norte do paiz, quer aqui, tem gorado os intuitos, porque é restrictissimo, insignificantissimo, o numero de officiaes que poriam a espada ao serviço da cruz brandida pelas mãos hypocritas dos padres ás ordens de Campolide. Se esses officiaes conseguissem qualquer acto em seu favor, teriam logo contra si, com violencia e legitimamente, a grande maioria dos officiaes do exercito que não querem trocar a farda pela sobrepeliz, nem ser sacristas das capellas dos jesuitas. Essa grande maioria de officiaes estaria no seu direito de, pela força, reagir contra os camaradas que assim dessem o exemplo de insubordinação e miseria moral. O exercito não é instrumento de chacinas reaccionarias, nem agente das ambições clericaes. Foi o exercito que fundou a Liberdade, e foi com a ponta da sua espada que o Imperador lavrou, "elle proprio„, o decreto expulsando os frades e os jesuitas. Se alguns officiaes do exercito o esquecessem, commetteriam uma traição, porque elles, e seus paes, devem á Liberdade a situação que occupam„.

Ora hão de notar os leitores que nunca estes malandros protestaram contra os manejos secretos tramados no exercito a favor da republica. Nunca! Nunca invocaram então o *Imparador!* Nunca invocaram a *Libardade!* Nunca! Só agora,que se trata de conspirar ... a favor da monarchia!

Clerical ou não clerical, conservadora ou não conservadora, a projectada *intentona* é a favor da monarchia. Pois levanta os violentos protestos que ahi ficam! Ao passo que as intentonas a favor da republica nunca lhes provocaram senão applausos ou referencias lisongeiras. Que bandidos!

Falam em padres, os bandidos! Falam em clericalismo!

Pois foram os padres que mataram o rei. Sabe-o todo o mundo! Foram os padres que insubordinaram no Tejo os marinheiros. Sabe-o todo o mundo! Foram os padres que levaram o Makavenko a abafar todas as pistas do regicidio e a abdicar ignobilmente deante de republicanos e dissidentes. Sabe-o todo o mundo! Foram os padres que, por meio de arruaças, deitaram abaixo, na camara, ministerios sobre ministerios. Foram os padres que commandaram, contra os progressistas, as hostes regeneradoras. Foram os padres que manobraram com a rainha D. Amelia e com a condessa de Figueiró para elevarem ao poder os teixeiristas. Foram os padres que inventaram o *Cricas*. São os padres que estão nomeando os republicanos para logares de confiança em todo o paiz. São os padres que ameaçam transferir o delegado Correia Leal por elle processar os Margaridos. São os padres que vão acabar com o juizo d'instrucção criminal, por o juizo d'instrucção criminal ser um perigo para os membros das associações secretas, para os regicidas, para os assassinos do Terreiro do Paço, de Cascaes, para todos os assassinos politicos. E são os padres que, poupando futuros assassinos, vão deixar impunes, pela amnistia, os assassinos conhecidos.

A tiro! A tiro! Estes miseraveis farçantes já não vão senão a tiro!

O exercito conspira. Mas conspira a favor da ordem, da verdade, da justiça. Mas conspira para annullar as conspirações dos agentes que os bandalhos teem dentro do proprio exercito. Mas conspira contra os ladrões, os farçantes, os quadrilheiros de todos os matizes.

Conspira para coagir o rei a cumprir o seu dever.

Conspira, emfim, para salvar esta patria da voragem da anarchia.

Conspira, e ha de conspirar, e deve conspirar. Porque maldicto seria se tambem elle cruzasse os braços deante de tanto patife e de tanta patifaria.

Maldicto seria!

Bandalhos! Bandalhos!

Pela bocca do mais safado pulha da sagrada cohorte da redempção, ainda mais safado, ainda mais ignobil, ainda mais sujo que o Trinta, o Maduro, ou qualquer d'essas figuras asquerosas de cano d'exgotto, pela bocca d'esse abjecto malandro, caloteiro, ladrão, invertido, tudo, d'esse sujo, d'esse porco bandido, d'aquelles exemplares que a natureza manda ao mundo para castigo e vergonha da humanidade, pela bocca empestada, tão apodrecida no vicio como a bocca do Borracho, boccas immundas que infectam as pessoas que d'ellas se approximam e corrompem o ar quando se abrem, pela bocca d'esse horrendo bilontra que dá pelo nome de Marinha de Campos, nome que é um symbolo, symbolo de torpeza, de baixeza, de covardia, de hypocrisia, de podridão, de prostituição, d'abjecção, pela bocca d'esse miseravel, atiravam-se os Margaridos, na terça-feira ultima, na *Corneta,* como gato a bofes, ao sr. Agostinho Fortes.

E porquê?

Imaginem os leitores, que não leem, e são quasi todos os leitores do *Povo de Aveiro,* o orgão infamissimo da prostituição republicana em Portugal. Imaginem! Não seriam capazes, por mais peregrinas ou phantasiosas as supposições que fizessem, de adivinhar!

Pela coisa mais simples, mais legitima, mais innocente do mundo. Por o sr. Agostinho Fortes se ter declarado socialista, e haver resolvido, com outros, fundar um *novo partido socialista.*

Pois foi quanto bastou para que os Margaridos sahissem a increpa-lo, a calumnia-lo, a infama-lo, nas mais repugnantes insinuações!

A obra do sr. Agostinho Fortes poderá ser util. Mas o sr. Agostinho Fortes começou logo, infelizmente, por dar provas d'aquella covardia que é innata no portuguez, em geral, e no politico em especial. O sr. Agostinho Fortes deu logo, aos primeiros passos, infelizmente, demonstrações d'immoralidade e de desrespeito pelos principios democraticos. Pois nem assim os *redemptores* o pouparam!

O sr. Agostinho Fortes mostrou logo *medo ao republicano.* Encolheu-se logo deante do republicano.

O sr. Agostinho Fortes declarou logo que auxiliava a lista republicana, composta, em parte, de nomes immoralissimos, nomes de verdadeiros canalhas, nomes de verdadeiros pulhas, nomes de verdadeiros tratantes. Canalhas, pulhas, tratantes provados. A quem o proprio sr. Agostinho Fortes ha de ter chamado, mil vezes, pulhas, canalhas, tratantes. Se não tem tido a coragem de lh'o chamar em publico, ha de lh'o ter chamado, mil vezes, em particular. Pois *o novo partido* inicia a sua vida de verdade, de justiça, de moralidade, começando por defender... a lista republicana!

Uma vergonha. Nem outra coisa pode succeder n'um povo sem caracter! Uma vergonha. Em Portugal, é tudo uma vergonha.

O sr. Agostinho Fortes vae constituir um partido democratico. E declara já que o novo partido,—que ainda não falou, que ainda não se reuniu, pelo menos não ha noticia d'essa reunião,—vae auxiliar, vae votar... na lista republicana!

E tudo isto, todo este atropelo, toda esta immoralidade, por medo... *ao republicano!*

Quando os vemos covardes, n'esta crise dolorosa que atravessa a nacionalidade portugueza, dá-nos vontade... nem queremos dizer de quê, para não offender o sr. Agostinho Fortes, que é, no fundo, um homem das melhores intenções, sincero e honesto.

Porem, independente d'isso, que é um modo de vêr sobre uma questão de processos e de principios, o sr. Agostinho Fortes está no seu plenissimo direito, como toda a gente, de apoiar ou não apoiar o partido republicano, de se afastar ou não se afastar do partido republicano, de ser anarchista, socialista, monarchico ou miguelista. No seu plenissimo direito. E contestar-lhe esse direito, e injuria-lo, e calumnia-lo pelo simples facto d'elle usar d'esse direito, e affirmar que em Portugal os que *sabem e trabalham só querem a republica,* é dar provas d'uma intolerancia, d'um sectarismo, d'um fanatismo, d'uma infamia, de que só seriam capazes os miseraveis que se dizem republicanos n'esta terra desgraçada.

Bandalhos! Bandalhos!

Que repugnantes bandalhos!

... Sr. Homem Christo

25-7-910.

Não póde a gente que é nova e que se não atolou na lama das mesquinhezas interesseiras deixar de prestar justiça ao desassombro d'um homem, que, sósinho e perseguido, n'um desfiladeiro dominado por odios encarniçados, não dobra a cerviz.

Vae atraz do seu ideal, da estrella que tomou por guia — a verdade e a justiça. E é tão raro isto na epocha presente, em que um utilitarismo feroz faz calar as consciencias! E' por isso, repito, que na primeira occasião em que me dirijo a V. — o mais intemerato jornalista de Portugal — não posso deixar de prestar um sincero preito ao seu caracter.

Honra lhe seja feita, Homem Christo!

E a historia, que não tem paixões e que um dia dirá sobre a sua missão, ingrata, pezada e laboriosa, far-lhe-ha justiça.

Ao crente na verdade, ao apostolo da justiça me dirijo, como filho da India a quem a *Carta de Goa*, apparecida no ultimo numero do *Povo de Aveiro*, feriu profundamente.

Essa carta foi escripta por um descontente, por um ferido na sua ambição de subir sem merito para logar que não devia occupar.

Conhece-se de longe o mesquinho odio que a dictou. A India, que tem festejado carinhosamente o governador Horta e Costa, que mais de tres vezes em occasiões em que a politica da metropole ameaçava tiral-o de lá, pediu a sua conservação, que reconhece no chefe da provincia um espirito moderno, que deu a maxima liberdade á imprensa do paiz, até então amordaçada por uma lei feroz — a lei das *rolhas* que ainda lá vigora — que ouve o paiz em cada reforma que projecta — e já teem sido algumas importantissimas — que dá um impulso decisivo aos interesses d'aquella infeliz Gôa amodorrada e calcada, essa India, digo, não deve deixar que nas suas columnas, onde reina uma augusta idéa, venham torpemente amesquinhál-a, amesquinhando, infamando o homem para quem ella tem tido requintes de gratidão e que bem os merece.

Afastado da politica, um simples estudante, em vesperas de vestir uma farda, eu devia conservar-me no silencio e deixar passar a affronta que cospem para chegar ao seu fim, sobre a terra do meu berço, sobre o povo que me viu florescer a vida?

Não, nunca. A' minha consciencia pezaria como um chumbo ignobil o silencio. E eu quero que não perturbem a paz santa da minha alma juvenil quaesquer remorsos. Sim, Homem Christo, valoroso *homem* de bem! Peço para mim uma parte da sua missão.

Restabelecer a verdade, abater a hypocrisia perniciosa que n'uma onda sempre triumphante está prestes a tripudiar sobre os despojos d'um povo, d'uma nação, em plena dissolução.

Homem Christo! Oiça a voz da minha consciencia, a voz da verdade. Faça justiça á minha India, não manche o papel immaculado com o fel venenoso d'aquelles que procuram enlamear, quem se levanta e se afasta do convivio d'elles...

Publique, se quizer, a minha carta, mas poupe a minha assignatura — por emquanto — porque não quero, não posso, não devo, sacrificar um futuro pelo crime — hoje hediondo, V. o reconhece certamente — de prestar um commovido e ardente preito áquella sacrosanta divindade de todos os Socrates e de todos os Christos de que V. é aqui — infelizmente! — o unico crente, o unico batalhador.

Poupe-me a assignatura, mas nem por isso deixe um só momento de crêr que tem em mim o fervoroso admirador da honra, da probidade, do desinteresse, d'essas raras flores a elevarem a sua corolla rebelde acima da montureira abjecta em que vivemos...

De V. etc.

M.

Não conhecemos os assumptos da India. Não podemos, pois, affirmar, se é o auctor d'esta carta que tem razão, se é o auctor da *Carta de Goa.*

Devemos, somente, dizer, que não teriamos publicado as correspondencias da India, se não nos tivessem sido recommendadas por pessoa digna de todo o credito e consideração. Como foram, não deixaremos de continuar a publical-as. Simplesmente, publicaremos tambem a contestação, se alguem quizer contestar, vindo essa contestação em termos correctos.

De Nenhures

29 de julho

O ar é uma mistura. Compõe-se essencialmente d'azote e d'oxigenio. Mas alem do azote e do oxigenio entram n'elle outros elementos. Ora desde que é uma mistura comprehende-se perfeitamente, à priori, sem necessidade de divagações scientificas, que pode ser mais puro ou menos puro. Naturalmente, os elementos que o constituem não entram na mistura em quantidades fixas, invariaveis. Naturalmente, entre esses elementos pode haver combinações ou descombinações, segundo os estados differentes da atmosphera. Nós proprios sentimos que a atmosphera não é a mesma quando chove ou quando não chove. Quando chove muito ou quando chove pouco. Quando ha relampagos ou quando não os ha. Quando venta ou quando não venta. Quando faz muito frio ou quando faz muito calor.

Sentimos que o ar do mar não é egual ao ar do campo.

Dizemos: o *ar de Paris,* o *ar de Londres,* o *ar de Lisboa.* Evidentemente, não é precisamente o mesmo ar em Paris, Londres e Lisboa.

O *ar da cidade,* o *ar do campo.* Quer dizer: o ar da cidade faz differença do ar do campo.

Estamos n'uma sala. N'um theatro. Quanto mais somos, ou mais pequena é a sala ou theatro, peor respiramos.

O acido carbonico, por exemplo, tem limites maximos e limites minimos na atmosphera. Pode entrar em maior ou menor quantidade na mistura. E' grande a sua quantidade? O ar é mau.

O vapor d'agua, outro exemplo, tambem faz parte da mistura. Tambem varia na mistura. Tambem, conforme é maior ou menor a sua quantidade, maior ou menor a sua tensão, exerce um papel importantissimo na atmosphera.

Este simples enunciado basta para demonstrar aos que não souberem nada d'isto, que o homem pode, pela sua cultura ou pela sua incultura, pela sua intelligencia ou pela sua brutalidade, *alterar a atmosphera.*

Ha uma theoria que diz que o homem nasceu livre para praticar o bem ou o mal. Ha outra que diz que o homem nasceu fatalmente predisposto para o bem ou para o mal. Em absoluto, nenhuma d'ellas é verdadeira. Não ha predisposições fataes. Ha ignorancia! A natureza é susceptivel de se alterar. Ha n'ella um equilibrio. O seu estado natural é d'equilibrio. Mas, ás vezes, rompe-se o equilibrio. O que é preciso, então? Que o homem restabeleça, ou saiba restabelecer o equilibrio. A's vezes é elle proprio que o quebra. E' preciso que o não quebre. Que saiba não o quebrar. Ou que, quebrado elle, o saiba restabelecer.

Ha muito acido carbonico na atmosphera? Está quebrado o equilibrio. Respira-se mal.

Diminuiu notavelmente o vapor d'agua? Está quebrado o equilibrio. Perturba-se tudo d'uma mancira consideravel.

Mas foi o homem, muitas vezes, quem augmentou a quantidade d'acido carbonico ou quem diminuiu a quantidade de vapor d'agua. Foi elle que, por ignorancia, desleixo, imprevidencia, um motivo de qualquer ordem, rompeu o equilibrio atmospherico.

A gota, a albuminuria, a glycosuria, todas as doenças, emfim, não são mais que uma ruptura do equilibrio natural. Sabemos restabelece-lo? Não sabemos ou não podemos? Nunca confessamos que não sabemos, que não podemos. E na nossa vaidade estulta, nas nossas pretenções asnaticas, arranjamos theorias de determinismos e outras que taes, com que deixamos atordoados os que não teem poder d'intuição para ver a simples verdade.

A verdade é sempre simples e clara. Quando os leitores virem os sabios a embrenharem-se em theorias complicadas, que deixam a gente tão atordoada e tão animalisada como quando nos dizem que tão velho é o pae, como é o filho, como é o espirito santo, concluam, sem receio, que os *sabios não sabem nada.*

Theologos e sabios a explicarem mysterios, equivalem-se. Mais theoria menos theoria, mais palavrão menos palavrão, mais x menos x, é o caso da santissima trindade. Não sabem nada.

Ha homens e mulheres fatalmente predispostos para o vicio e para o crime? Homens doentes, mulheres doentes que nós não sabemos curar. Não é uma questão moral. E' uma questão physica. Não é uma predisposição fatal. E', por semelhança, uma questão de mais azote ou menos azote, mais ou menos acido carbonico. Ou d'outro elemento desconhecido. Quem conhece a chimica interna do organismo humano? Nem a do ar. Quanto mais a do corpo humano. Nem a do ar! Ha pouco mais d'uma duzia d'annos, somente, que dois sabios inglezes descobriram um novo e importante elemento atmospherico, que até ahi tinha passado despercebido a todas as analyses. E tanta analyse!

O que é o hysterismo? O cancro? A tuberculose? O que é a prostituta nata? O que é o assassino nato? O que é a loucura physica? O que é isso a que, por semelhança, se chama a loucura moral? E' a ruptura do equilibrio natural, dentro do organismo humano. E' uma peça que se partiu ou que creou ferrugem. E' um eixo mal azeitado. São elementos que se combinaram ou descombinaram por principios ou dosagens viciosas.

Isto é criterio d'aldeão. Mas é exacto.

O microbio apparece no organismo humano, como apparece no ar: quando, pela ruptura d'esse equilibrio, o organismo, como o ar, lhe permitte vida folgada.

Eu vi, ha dez annos, em Vizeu, deitar abaixo platanos famosos. O vereador, ou quem defendia o vereador e a vereação, allegava, nas gazetas, que as folhas dos platanos adquiriam um pósinho que... fazia mal.

Eu creci ao *pósinho* um medo pavoroso. Tenho medo do pósinho que me pélo. Mas não é do posinho das folhas dos platanos. E' do pósinho do... vereador. Isto é, da estupidez, da inconsciencia, da falta de criterio que assignala esta terra.

E eis aqui como na vida social succede o mesmo que na vida individual. E' tambem uma questão *de se romper o equilibrio.* Na sociedade portugueza *rompeu-se o equilibrio* desde que se deu a este povo uma funcção para que elle não estava preparado: a funcção da liberdade. Liberdade, ignorancia e falta de caracter combinam-se de forma a deixar sempre residuo venenoso. Mais venenoso que o acido urico ou o acido carbonico.

E' socialmente soluvel o resultado da combinação da liberdade com a cultura da intelligencia e a formação do caracter. Mas é insoluvel e deposita-se no cerebro a resultante da combinação da estupidez e da inconsistencia do caracter com a liberdade. Dá um producto detestavel.

E' por isso que eu ando sempre a dizer: eduquem o espirito, elevem a intelligencia e o caracter. Nós não damos um passo sem que, primeiro, conheçamos bem o homem. A pedra angular de todas as reformas politicas e de todas as reformas sociaes é o homem. Logo, qual é a primeira necessidade? Qual é a primeira condição do successo das reformas politicas e das reformas sociaes? E' a melhoria do homem. E melhoria physica, que por essa temos de começar. Sim, por essa temos de começar. E' uma simples resultante, uma simples derivante da melhoria physica, a melhoria intellectual e a melhoria moral. *Mens sana in corpore sano,* diz-se quasi desde o tempo d'Adão e Eva. *Espirito são em corpo são.* Primeira coisa: melhorar o physico. Libertar o homem das causas deprimentes, das causas degenerescentes do organismo physico. Curar os epilepticos, os larvados, os malucos. Annullar o pendor que leva ao abysmo, á queda. Curar os cahidos e evitar as quedas. E, então, sim, terá o homem achado o caminho que conduz... ao paraizo terreal.

Eu tenho medo d'esse pósinho que me pélo. Foi elle que derribou as arvores em Coimbra, na Estrada da Beira. Foi elle que decotou os platanos em Coimbra, na Rua Sá da Bandeira. Foi elle que fez o Marnoco ministro da marinha e o Teixeira de Souza presidente do conselho.

E' elle que faz berrar, a uns, que conquistado o divorcio está conquistada a tranquillidade do lar; a outros, que estabelecido o amor livre, está estabelecida a moralidade familiar.

E' elle que faz depender da proclamação immediata da republica, mesmo com Margaridos á frente, a salvação da minha patria.

Foi elle que fez destruir em Aveiro a formosissima alameda de Santo Antonio e os alamos seculares que enchiam o Largo de São Sebastião e orlavam a estrada de Arada.

E' elle que assassina os homens, que assassina as arvores, que embebeda os pobres e os ricos, que agarrou n'esta terra e, n'um pé de vento, a leva pelos ares.

Pelos ares! Isto dá-me idéa d'um homem a quem uma onda faz perder o pé, á beira do mar, e que, quanto mais esforços faz por se equilibrar, mais se ataranta e mais... desequilibrado está.

Não é o pó das folhas dos platanos. E' o pó da inconsciencia, da incultura, da estupidez, da futilidade, da falta de ponderação e de criterio, da petulancia atrevida e asnatica.

Foi o equilibrio da evolução social que se rompeu, arrancando o rustico do fundo da selva e o sapateiro de cima da tripeça para os porem a marcar cotillon e a tocar... rabecão.

E se eu lhes chamo bestas, a todos, aqui de Deus que sou um desbocado e que não tenho... forma litteraria!

C.

Os embaixadores da republica

Chegou um d'elles, o Relvas, que, por signal, nos parece tambem um grandissimo nephelibata. E annunciou á bacoria republicana, commovida de tanto *successo diplomatico,* que o mundo os espera... de braços abertos.

Ora para isso é que nós queriamos o fundo de propaganda. Era para isso. Para fazer no extrangeiro, onde aliás os bandalhos estão desacreditadissimos, uma propaganda intensa contra elles.

São tantos os seus podres, tamanhas as suas miserias, que seria facilimo despertar a indignação, contra esses miseraveis, do mundo civilisado. Se em Portugal os atirámos de cangalhas, porque venha ou não venha a republica, elles estão moralmente perdidos, muito mais facil seria faze-lo no extrangeiro, onde não haveria a paixão politica, os interesses de facção, a procurar empanar o brilho da verdade.

Elles estão desacreditados. Mas, com muito mais habilidade e actividade que a monarchia, irão, por aqui e por alli, com o auxilio d'este e d'aquelle jornal, desfazendo essa impressão.

Para isso, para isso — e para muitas coisas mais — é que era o fundo de propaganda. Nada se faz sem dinheiro, sobre tudo em trabalhos de propaganda fóra da fronteira.

Para isso é que era o fundo de propaganda. Mas como em Portugal não ha cabeça para nada, adeante.

Vamo-nos contentando com a larga tiragem e enorme publicidade do *Povo de Aveiro,* que já não é pouco.

De resto, devemos dizer, e aproveitamos a occasião para isso, que ainda não tocámos em cinco reis do fundo de propaganda para os nossos processos judiciaes.

Esse fundo está intacto.

Quem é o outro?

O sr. Agostinho Fortes responde no *Paiz* aos pulhas da *Corneta do Diabo,* isto é, do *Cornetim do Margarido.*

Faz allusão ao *astro errante e indefinido, nos variegados agrupamentos da politica indigena.* E' o ladrão das saias da creada, o ladrão da machina d'escrever, o ladrão das rações de bordo, o abjecto invertido, o camarada do Borracho na tropa, na porcaria e na infamia, que dá pelo nome de Marinha de Campos. O pulha, o archi-pulha, que tem corrido todos os partidos.

Em seguida o sr. Agostinho Fortes, referindo-se ao facto de Marinha ter dicto, que elle, Fortes, exclamara n'um comicio do Rato, ha vinte annos, que permittia que lhe escarrassem na cara se um dia deixasse de ser republicano — e o sr. Fortes protesta, e muito bem, que não deixou de o ser — em seguida, escreve:

Mas tão grata me foi essa passagem que, por invencivel associação de idéas, vieram ao meu espirito as recordações de dois meus condiscipulos, ambos vivos, ambos hoje jornalistas, e ambos creio que dizendo-se e suppondo-se republicanos. Um d'elles escreveu em linhas immerecidamente apologeticas da minha pessoa que eu era «um coração excellente, um espirito lucido, mas tinha o grande, extraordinario e unico defeito de ser republicano»; outro censurava-me por eu, em questões contra jesuitas, foi d'isso que se tratou no Rato, tinha eu dezasete annos, vir com affirmações republicanas, «servindo assim de joguete nas mãos de meia duzia de trampolineiros.» Quem tambem se recorda do que eu disse no Rato e ainda hoje altivamente declaro, lembrar-se-ha dos dois estudantes de então e jornalistas de hoje a quem me refiro? Creio bem que sim.

Um sabemos nós quem é. E' o alugado da Margarida das Flores, e que, por signal, estava, a esse tempo, por conta d'outra mulher. A Margarida das Flores foi a terceira que o alugou. Como o Derouet, o anjo papudo, já estava farto de *pintar a manta,* quando se fez... sachristão de Santa Izabel!

Quem sabe esta historia, que qualquer dia havemos de contar aqui, é o padre Farinha. Este é que a sabe muito bem. Até ha um caso que mette ovos de fio e bolo rei. Combinaram os dois — eram dois — que aquelle que achasse a fava é que apanhava a *espiga primeiro.* Em compensação, o que não achasse a fava, pagava uma travessa d'ovos de fio e duas garrafas de champagne.

O padre Farinha é que sabe essa historia muito bem!

Ora um, o que escreveu que Agostinho Fortes «era um coração excellente, um espirito lucido, **mas com o grande, extraordinario e unico defeito de ser republicano**» sabemos nós quem é. E' o Margarido. Elle que desminta, se é capaz.

Mas o outro?

Fica-se grato a quem nos disser o nome d'esse redemptor, ou por outra, d'esse pulha.

Tende juizo e vergonha!

Cada eleitor que favorece o accesso, ao parlamento, a um agente da desordem, fomenta a ruina da sua patria.

E se disser que o faz porque a ama, porque quer, d'esse modo, corrigir e evitar desmandos, possiveis, dos que estão no poder, mente como um pêrro; mente, como o mais refalsado villão da escumalha humana.

Os brigões de officio e temperamento; os histriões descompostos, que representam e se exhibem, para a infima ralé; os *sem consciencia,* que deturpam factos e insinuam calumnias, propositadamente, para transviarem a opinião e servir os seus intentos; os sôfregos de grandezas, que tudo calcam e esmagam aos pés — amigos, inimigos, leis, honra, brio e dignidade — desde que essa pasta esmagada lhes sirva de degrau, no seu torpe caminho de ambições, esses nunca podem fiscalisar, organisar e dirigir.

Muito pelo contrario: são apenas réprobos da sociedade; são unicamente féros demolidores das bases em que assenta a prosperidade e o bem das nações; são vis fanfarrões, arrebanhadores da escória moral das collectividades, com que se escudam e sobre que se firmam, para ostentarem força e poderio — a força, temivel, das quadrilhas de facinoras e devotos do incendio e da dynamite.

Por isso, em toda a parte, qualquer que seja a fórma de regimen politico adoptada, na Hespanha monarchica, como na França republicana, na Russia dos Czares, como na democratica Republica Argentina, esses derrancados da alma são tratados como reptis venenosos, contra os quaes os mais violentos meios de defeza são permittidos.

E' d'este modo que todos os povos cultos procedem. Em Portugal, por desgraça nossa, toleram-se nos serviços do Estado, usando de plena liberdade na sua acção dissolvente, e ha, até, quem os eleja para deputados!

Em Portugal, ha biltres *patriotas* de tal jaez, que elevam á dignidade de representantes do paiz os chefes e dirigentes de revolucionarios de galé a quem armaram com pistolas, machados e bombas explosivas! Em Portugal, finalmente, El-Rei entrega o supremo mando, o poder executivo, aos alliados, ostensivos e reconhecidos, aos dirigentes e patronos, confessos, d'aquella horda selvagem de dynamitistas!!

Parece fábula absolutamente inverosimil, mas é a verdade restricta e purissima, patente a todos os olhos.

Se isto não é um paiz de doidos, um grande manicomio, é um paiz de ineptos para se governarem: incapazes ou insensatos, sobre tudo, os eleitores, que podem, sem nenhum custo, nem sacrificio, correr, com o azorrague dos seus suffragios, todos os malvados e bandalhos da politica; que podem, facilimamente, sanear os poderes publicos e metter na ordem o Chefe do Estado, e não sabem ou, antes, não querem cumprir o seu dever, segrado, de salvarem a patria do abysmo em que se afunda.

Como se hão de estudar e discutir as necessidades economicas do paiz e fomentar o seu desenvolvimento commercial, agricola, industrial e scientifico, promulgando leis justas e uteis, se todo o tempo das sessões parlamentares é absorvido, em regra, pelas exhibições truanescas dos execraveis farçantes, que, em nome da liberdade, espesinham a liberdade e as regalias dos outros? Como ha de um governo honesto e serio — é claro que não fallo do actual, maculado de nascença e corruptor deslavado —; como ha de qualquer governo sério e honesto manter o prestigio das leis e da disciplina, sem as quaes não ha boa administração possivel, se varios deputados e alguns pares do reino são os primeiros a dar, ao povo, o perniciosissimo exemplo da licença mais desbragada, do desrespeito mais desaforado pelo proprio regimento da corporação a que pertencem?

Como é posivel fazer observar o acatamento indispensavel, n'um bom organismo social, ás auctoridades legalmente constituidas, se as bôcas infectas de alguns membros, indignos, do poder legislativo, vomitam todos os dias os mais repugnantes vituperios, os mais nojentos doestos, contra tudo e contra todos, incluindo a pessoa d'El-Rei, dentro do recinto do parlamento, e sem que uma repressão energica e efficaz faça engulir a esses cavallariços desenfreados as immundas diatribes que bolsaram? Como pode, quem deve, manter a ordem publica, imprescindivel nas sociedades cultas, se a desordem, crapulosa, prostibular, campeia nas sessões parlamentares, onde as vaias, os berros os

urros e os coices, dados com as mãos e com os pés, abafam as vozes dos que pugnam pelo decoro da assembleia?

Tal ha sido a vida parlamentar portugueza, desde que o negregado Makavenco, de braço dado com o mégalomano Bernardino e o epileptico José Maria, fez eleger, pela choldra dos eleitores borregos, a camara actual. Mais outra legislatura como esta e vereis onde isto vai parar!

Cada eleitor que favorece o accesso, ao parlamento, a um elemento de desordem—nunca será de mais repeti-lo—fomenta a ruina da sua patria! Portanto, eleitores corruptos e corrompiveis sustae as vossas traficancias, envergonhae-vos da vossa vileza, elegei exclusivamente gente limpa de caracter, sensata e ordeira, se não quereis contribuir para a derrocada da velha nação, que tem tantas paginas de imarcessivel gloria, na sua historia de quasi oito seculos.

Regenerae-vos, procedei dignamente, escorraçae todos os matulos, todos os maltrapilhos politicos!

Elegei uma camara sã e limpa! Tereis, como recompensa, os applausos sinceros e enthusiasticos dos vossos compatriotas honestos e independentes.

E talvez consigaes outro resultado magnifico e de inestimavel valor: é possivel que rebentem, que estoirem, em mil pedaços, por effeito da tensão accumulada da sua propria raiva impotente, o Teixeira, o Alpoim e o Affonso Costa: os tres socios da firma damnada.

Amen!

Um portuguez.

CARTAS LISBOETAS

29 de julho.

Regressou do extrangeiro a missão republicana, que fôra dizer da sua justiça aos politicos europeus ácerca do estado de coisas de cá por casa, desfazer a provavel má-vontade contra os dirigentes da grande democracia lusitana.

De tres diplomatas a missão se compunha: Alves da Veiga, chefe do movimento mallogrado de 31 de janeiro, Magalhães Lima, representante chronico da imprensa portugueza nos congressos internacionaes e José Relvas, membro do actual directorio — Alves da Veiga, futuro ministro em Paris, Magalhães Lima, futuro ministro dos estrangeiros, uma especie de Delcassé ou de Rio Branco em miniatura, José Relvas, futuro successor do sr. Luiz de Soveral na embaixada de Londres. A missão dada por finda, officialmente, o diplomata José Relvas sentia a necessidade de expôr aos seus compatriotas os resultados obtidos e, logo que pisa o territorio patrio, ei-lo que á imprensa dirige a sua communicação.

E' documento pouco extenso, sóbrio de palavras e de ideias, que não tem grande valôr como subsidio para a historia politica do paiz, mas que, em todo o caso, não dispensa uma leve beliscadura de critica.

O que foi fazer a missão republicana ao extrangeiro?

Não o inferimos claramente das palavras do sr. José Relvas, mas a dita missão teria ido, ao que parece, sondar a opinião europeia a nosso respeito e esclarecer a mesma opinião ácerca das aspirações do partido republicano, das suas ideias de governo, das suas probabilidades de victoria... Perguntar-lhe o que pensava de nós, desfazer alguns equivocos, dizer-lhe o que, realmente, deveria pensar.

Assim, a missão teria procurado Briand, no seu gabinete do ministerio do interior, ou em casa e, feitas as apresentações do estylo, ter-lhe-hia dito o recado, o qual recado...

Briand, a principio um pouco surprehendido, teria acabado por comprehender.

—Sabe? nós somos os republicanos portuguezes que vimos por essa Europa dentro dizer a verdade sobre o nosso paiz, 'té hoje entregue aos cuidados d'uma diplomacia negligente, arruinado por uma politica verdadeiramente nefasta.

—?

— Eu sou o José Relvas...

— Ah, é o sr. José Relvas? *Je suis content d'avoir fait votre connaissance*...

—... faço parte do directorio do partido, lá em Lisboa.

— Sim, em Lisboa, comprehendo...

— Não imagina como V. Ex.ª é admirado em Lisboa, em todo o Portugal. Toda a gente diz: não ha como Briand! E quando um discurso vosso é pronunciado na Camara, logo, lendo-o em Lisboa, os nossos partidarios, todos á uma, exclamam: é bem Briand, a sóbria, a alta eloquencia de Briand...

— Favores dos vossos partidarios, Mr. de Relvas! Vós tendes grandes oradores. Eloquencia sóbria, bella e grande eloquencia a do vosso Pacheco! Conheço, sim, a carta do vosso Fradique ao nosso Mollinet...

Magalhães Lima, morto por dizer alguma coisa, aproveita a pausa.

— A democracia portugueza, a cujo serviço vimos, segue com enthusiasmo e procura imitar a obra da grande democracia da França...

E, José Relvas, morto por dar o recado.

— Sabemos que se tem dito cá fóra que nós, republicanos portuguezes, sômos um bando de espéculadores... Não ha tal! Nós sômos sinceros. Que nós não representamos o opinião portugueza... Outra mentira repugnantissima! Representámos, sim senhor. Damos-lhe, Mr. Briand, a nossa palavra de honra...

— Por quem são, meus senhores! Então quem ousaria duvidar?

E puxa uma fumaça do seu cigarro cubano.

— Ainda se affirma por 'hi que não temos um plano de governo.

— Ah, isso é que temos, acode Alves da Veiga. Podemos até mostrar o programma...

— Foi feito por Mr. Theophilo Braga — lembra Magalhães Lima.

— *Ah, ce grand Braga! je le connais bien. C'est le positiviste*...

Magalhães ainda remexe na pasta. Não havia trazido o programma.

José Relvas, um pouco inquieto, procura dar fim á conferencia. Briand tem camara e não pode demorar-se.

Declara-se informado, agradece a amabilidade da communicação, e nunca esquecerá a gentileza dos representantes do partido republicano portuguez.

Magalhães pensa que elle o vae convidar para um jantar intimo.

Briand allude ainda ao nossso grande Pacheco, á amenidade do nosso clima, aos costumes tradiccionaes do nosso povo, ao gosto pelo fado, á melancolia doce do olhar das nossas mulheres...

E estende-lhes a mão, tendo para todos uma amabilidade, e, para José Relvas:

— Se vae para Lisboa, já sabe que não tem mais do que escrever... Aristide Briand — Ministére de l'Intérieure... Sempre ás ordens...

E a missão, cumprida com tal brilhantismo uma das partes mais importantes do seu programma, ter-se-hia retirado satisfeitissima a refrescar-se com três authenticos bocks na cervejaria mais proxima.

— Isto vae ás mil maravilhas, dizia Magalhães Lima.

— D'esta vez é que me pareee que *a coisa* péga, accrescentava Alves da Veiga.

— Ha-de pegar... sorria um pouco melancholico o sr. José Relvas, revendo em espirito a paisagem bem-amada da sua Alpiarça, e pagando os bocks...

Com Asquith fôra, pouco mais ou menos, o mesmo.

O velho inglez perfilar-se-hia abotoando o casaco quando lhe disseram que estavam alli uns cavalheiros portuguezes, que ninguem sabia quem eram, que não eram pelo menos, gente da legação, e viera á salla com modos frios.

Mas, logo que os homens disseram os seus nomes, logo que Magalhães Lima o pôz á vontade fazendo os signaes convencionaes da maçonaria, o velho inglêz desenrugou um pouco o semblante energico e puxando uma cadeira, indicou-lhes o sophá.

Foi Magalhães Lima, um pouco mais forte no inglez, quem deu o recado ao primeiro ministro, que, claro, como o primeiro de França, ficou sciente, sorriu com amabilidade, agradeceu a gentileza da visita e disse que lá estava, em Londres, ás ordens do sr. José Relvas, do sr. Magalhães Lima, do sr. dr. Alves da Veiga.

O velho Asquith quiz ser inglêz, offereceu-lhes chá e bôlos, fallou de Lisboa, que visitara ha pouco, das bellezas da cidade, da paisagem forte de Cintra, do encanto, do risonho encanto das praias...

E a missão, radiante, constatou para os devidos effeitos, que por 'ali não vinha mal ao mundo, que o homem estava d'accordo, que elle ficára mesmo fazendo uma ideia muito lisongeira de Portugal e dos seus homens e radiante desceu as escadas e radiante foi refrescar, a convite do sr. José Relvas, os interiores com um explendido Dowson's whisky e soda...

* * *

Occorre, no entanto, fazer uns leves reparos a esse passeio que a jacobinagem republicana já deve ter inscripto nos annaes da sua vida politica como uma jornada memoravel, como uma jornada triumphal...

Se os republicanos foram ao estrangeiro para passeiar, estão no seu direito. Mas se foram parlamentar com os politicos, é porque sentiam a necessidade imperiosa de se justificar, é porque reconheciam que, lá fóra, se murmurava, pelo menos se murmurava, da sua honestidade politica—quem sabe, mesmo, se da sua probidade pessoal?

Diz-se que não teme quem não deve, que só vae ao dentista quem lhe doe o dente.

Não ha, pois—humildemente se nos affigura—duvida alguma que a gente republicana não se sentia bem, que a gente republicana se sabia compromettida e que estava informada de que o seu crédito fóra das fronteiras era tal que não havia remedio senão destacar missão especial a expôr, a explicar, a desfazer os equivocos... se equivocos ha, se pode haver equivocos a proposito d'esta boa gente portugueza.

Parece que desde a morte do rei D. Carlos e do principe real D. Luiz os créditos portuguezes baixaram um pouco no estrangeiro, que os homens d'esta terra, os politicos d'este paiz começaram a ser vistos á luz crúa da verdade, que os seus processos appareceram em toda a parte aos olhos do mundo, que, emfim, eramos tidos como um bando de gente pouco escrupulosa que se adeanta e tolera adeantamentos, depois de haver dobrado o Cabo e chegado á India...

Os realistas estrangeiros detestavam-nos, os revolucionarios tinham sobejas razões para nos desprezar.

Os republicanos berravam para 'hi, sempre, que eramos livres para nos administrarmos como quizessemos, que o estrangeiro não interviria, sobre pretexto algum, na nossa politica interna e que, qualquer que fosse o regimen politico que adoptassemos, tudo seria bem visto ou tudo seria, pelo menos, acatado... Conta-se com a isempção ingleza, com o cavalheirismo francez, com a amavel deferencia teutonica.

Mas... eram palavras. Será pouco, evidentemente e se ámanhã os homensinhos tivessem de governar, era preciso que tudo estivesse preparado, não fossem surgir difficuldades, á ultima hora.

Era indispensavel a missão. Mas a verdade é que os três diplomatas ou foram enganar os estrangeiros com quem fallaram, o que é acto impolitico, alem de representar uma ligeira indignidadesinha, ou lhes disseram, com franqueza, o que *isto* é por cá, e os homens teriam pôsto as mãos na cabeça, admirados do muito a que desceram os descendentes do Gama, nosso patrono, com Camões, deante do mundo civilisado.

Eu não sei, francamente, a ideia que dos nossos politicos possa fazer Briand. Não faz ideia nenhuma, provavelmente.

Passamos por ser uma gente de costumes duvidosos, mais ou menos selvagem, que habita o occidente iberico, sem originalidade e sem graça, apesar de os francezes nos chamarem, sempre, errando talvez *tougours gais*.

Os nossos homens de lettras não passam a fronteira, a maioria é mesmo de crêr que não saiba francez, ou, pelo menos, que não o traduza regularmente, como se pode, por exemplo, julgar pelas traducções avariadas que dos romances e peças francezas apparecem ahi assim como verdadeiros aleijões litterarios.

Não temos homens de sciencia. Apenas um ou outro especialista erudito, por sua natureza afastado do réclamo.

E se alguem faz arte, ou não é apreciado como merece, ou excessivamente retrahindo-se, para fugir ao contacto dos apreciadores, no fundo dos quaes ha sempre um critico, tão ignorante como atrevido, cobre-se d'um ridiculo que confrange.

A politica é em Portugal uma feira onde se compra e vende barato. Porque as mercadorias são, em regra, avariadas e o mercado está, de longo tempo, desacreditado.

A imprensa é o *Mundo*, com todo o seu espirito canalha, é o *Seculo* fazendo democracia em nome de Silva Graça e especulando com os coupons, é Arthur Leitão prégando moralidade, é Marinha de Campos condemnando, embrulhado nas fraldas da creada, o socialismo nascente de Agostinho Fortes.

Não é já Brito Camacho escrevendo com correcção, com uma penna de escriptor, é França Borges, com os pés em cima da meza, fulminando, a proposito da questão Baracho, o ministro José Manuel.

E' *isto* que o extrangeiro encontra n'este paiz risonho do fado, n'este bello paiz da mandria, de padrinhos e compades. *Isto*, em toda a sua desoladora miseria é o que vê, claramente vê, quem tiver olhos de vêr, quem souber e quizer vêr a verdade da nossa situação.

Foi isto que a missão foi dizer ao extrangeiro? Não, por certo. Nada aproveitaria com isso. De modo algum conseguiria interessar homens que teem mais em que pensar do que nos destinos d'esta pequena familia desavinda que constitue, com os visinhos da Hespanha, o elemento mais empobrecido, embrutecido e envilecido d'uma raça decadente.

Foi dizer que eramos um povo progressivo? E' possivel que ahi chegasse a sua ingenuidade, que fosse de tal natureza o seu erro.

E teria faltado conscientemente á verdade, pois não se pode admittir que homens que dirigem um partido politico d'um paiz não conheçam o estado social e o valor mental d'esse paiz; ou ter-se-hia illudido na sua boa fé patriotica e o que é deveras deploravel e resulta, sem duvida, ridiculo.

Sim, porque explicações ao extrangeiro, que nos desconhece ou nos desdenha, que nos troça ou nos despreza, que não nos pede contas da nossa vida, que não se interessa pela nossa vida, só as daria um partido que não se sente seguro, um partido de moral dubia, que não tem confiança em si mesmo e teme que contra elle se desencadeiem as furias alheias.

De longo tempo que se vem affirmando que o extrangeiro respeita a nossa vontade politica, que o que fizermos a dentro da fronteira para nos governarmos está muito bem feito, e agora é que o partido republicano, agora quando tudo, a dar fé ás affirmações da imprensa, parecia estar aclarado, é que manda lá fóra uma missão sondar a opinião europeia a nosso respeito.

Afinal, a missão do sr. José Relvas e dos outros a bem pouco se resume—dizer aos politicos da Europa que a gente da monarchia portugueza é uma delegação da quadrilha internacional e que a moralidade governativa, a pura, a authentica, a possuem alli os republicanos, com o sr. Bernardino, de mitra, pontificando, acolitado pelo Marinha, revestido com as fraldas da criada e Arthur Leitão, travestido de frade bernardo — com Cunha e Costa, de menino de côro, guizalhando...

Um novo aspecto da farça nacional...

Belgavino.

Pulhas todos

Não permittiu o meu estado de saude — velhos achaques contrahidos em muitos annos de lucta esteril — que eu proseguisse no passado numero do *Povo de Aveiro*, com a autopsia, feita por entidades insuspeitas do partido republicano, ao que hoje é idolo dos mesmos republicanos, o dr. Allonso Costa, sem que tivesse mudado de processos de vida, que não são dos mais puros, muito pelo contrario, ou de processos politicos que, não sendo dos mais honestos são, comtudo, dos mais improprios de homens que não separam rudimentares principios de honra dos principios politicos.

Convem accrescentar, a titulo de curiosidade, que os adoradores do *idolo* estavam desgostosos porque se suppunha que o homem não podia já desempenhar a sua *funcção historica*, e muito descontentes porque á cousa se dava o nome, pouco animador para homens, de *pachydermia* na garganta, o que, salvo melhor juizo, seria molestia de... pachydermes.

Felizmente para os inconscientes adoradores do idolo famoso, o Margarido da França, ora a monte, já informou que não — que aquillo do dr. Allonso não é *pachydermia* — e ainda bem... para honra dos pachydermes.

Mas vamos a reproduzir o juizo, que, em hora de amargas decepções, os correligionarios de Allonso faziam, ha oito annos, do seu idolo de hoje, o mostrengo tão vasio de ideias como de sentimentos nobres, mas bastante audacioso para, em terra de nullos, fazer carreira...

E' ainda a *Voz Publica*, jornal extincto á força de leitores como tantos outros do partido, que nos fornece o material autopsiante. E' o numero 3638, de 22 de janeiro de 1902, onde depois de outros artigos a proposito da questão, encontramos este, subordinado á epigraphe seguinte:

«A proposito da amnistia

(Commentario)

Na ultima serie de cartas que, por intermedio do seu jornal, dirigi ao nosso querido amigo José Pereira de Sampaio, ex-director do mesmo e seu actual collaborador politico, intimei para dentro de praso, que disse curto, o dr. Affonso Costa, ex-deputado republicano pelo Porto, a que em publico me respondesse á pergunta que em publico lhe vinha fazendo, durante uma semana toda, sobre qual o motivo porque elle não havia apresentado no parlamento a proposta de lei de amnistia em favor dos exilados republicanos, capitão Leitão e alferes Malheiro (1).

Com sinceridade confesso que não esperava que o dr. Affonso Costa buscasse responder-me tão depressa, como tentou responder-me; porém, com franqueza, exaro egualmente que não me surprehendeu o duplo artificio da sua resposta. Mais uma vez se revela e demonstra um caracter.

O dr. Affonso Costa responde-me *indirectamente;* e responde-me n'um artigo pedantesco, propositadamente disposto de forma a que a semsaboria da primeira parte arrede o commum dos leitores, e assim a segunda parte, que é a essencial, passa despercebida.

Na primeira parte, o dr. Affonso Costa divaga ácerca de *A Historia* humana de Proudhon, de Michelet e até de Euripedes, nas *Bacchantes*. E, depois de mostrar tanta sabedoria da historia antiga e moderna, o que, aliás, não vinha nada para o caso, o dr. Affonso entra no assumpto e desata a declamar, como é seu incorrigivel geito de rhetorico sem reflexão, e a offender, como é sua tendencia irreprimivel, de impulsivo mal educado.

Sómente o dr. Affonso Costa não se lembrou de que o seu escripto anonymo de hontem briga inteiramente com as declarações que, ao partido republicano portuguez elle entendeu dever fazer em um famoso escripto, assignado, de ha dias, após a aggressão com que elle salteou o nosso amigo Sampaio.

N'essa declaração ao partido republicano, o dr. Affonso Costa dissera que não fizera no parlamento a proposta de amnistia, porque não queria assim prejudicar os emigrados. E agora, no seu artigo anonymo, diz que o que se não pode fazer sem arrear bandeira, sem que isso impliique uma defecção, uma apostasia do acto revolucionario, é mendigar essa amnistia.

De certo que, se os emigrados *mendigassem* uma amnistia, (o que nunca fizeram) elles se cobririam de desdouro. Mas o dr. Affonso Costa nunca foi emigrado.

Pedirem os emigrados uma amnistia seria, na verdade, uma vergonha para elles. Mas não propor no Parlamento uma amnistia para os emigrados — é, para o dr. Affonso Costa, uma vergonha enormissima.

Propor no Parlamento não é pedir na attitude genuflecta de quem supplica. E' reclamar na attictude erecta de quem exige.

E' certo que as mãos dos luctadores não se fizeram para se juntarem, erguidas em oração; mas é certo tambem que as mãos dos deputados se suppozeram sempre destinadas a deporem na meza da presidencia da camara as propostas que é obrigatorio que esses deputados alli apresentem, quando começam por ter consciencia do seu mandato e não acabam por o trahir.

E' odioso que o grande nome de Ruiz Zorrilla seja trazido á hypocrisia d'uma intriga de farçolas, desde que toda a gente sabe que Ruiz Zorrilla, que nunca pediu amnistias, morreu na terra da patria, á sombra d'ellas. Em Hespanha honrou-me com a sua deferencia o irmão espiritual de Ruiz Zorrilla, o dr. Esquierdo, medico illustre, patriota insigne, republicano severo; e a bondade com que elle me tratou ainda hoje me commove. Mas o que o meu animo não pode admittir senão com tedio e repulsão é esta coragem barata que faz do heroismo e da intransigencia a responsabilidade dos outros; e que, quando os proscriptos andam comendo o pão negro do extrangeiro, se vae regalando, no estomago dos Catões de residencia dupla, com as chorudas fatias dos orçamentos nacionaes.

O dr. Affonso Costa diz que tudo se soffre: o degredo, o exilio, a proscripção, a morte, sem um queixume.

Nada d'estas, até agora, o dr. Affonso Costa soffreu. O degredo, o exilio, a proscripção, a morte, são para o dr. Affonso Costa grandes phrases de effeito, os taes narizes-de-cera que constituem todo o seu talento.

E, todavia, sem degredo, sem exilio, sem proscripção e sem morte, os seus queixumes atordoam a primeira columna das gazetas d'onde proclama, quando o entende opportuno. E proclamando-o, vae zombando d'aquelles que, como o não fez Ruiz Zorrilla, *supplicam para si e para os seus* o perdão do crime de haverem defendido o Direito.

Basta! Nada de mystificações cynicas!

Ninguem sollicitou ao dr. Affonso Costa a que requeresse o perdão dos seus correligionarios, perseguidos pela Lei.

Eu extranhei e extranho, condemno e condemnarei, o procedimento do dr. Affonso Costa não fazendo a proposta de amnistia no Parlamento, onde nada pedia, mas onde exercia um Direito.

Se o dr. Affonso Costa tal proposta apresentasse, elle procuraria fazer com que os emigrados regressassem ao paiz, não pela graça regia, mas pela vontade da nação, representada pelos seus deputados em côrtes.

Não quiz faze-lo o dr. Affonso Costa, e, hoje, para justificar-se da sua absolutamente injustificavel conducta, sahe-se a responder-me, indirectamente, com uma indirecta evasiva, n'um artigo anonymo que me endereça.

Mas não pense por isso que illude a minha attenção com artimanhas de advogado da Legua em audiencias provincianas.

Se o dr. Affonso Costa entendia que não era da sua dignidade (louvado seja Deus!) apresentar no Parlamento, como deputado pelo Porto, uma proposta d'amnistia a favor dos exilados republicanos do Porto:—por que fez prevalecer a sua candidatura de deputado republicano pelo Porto, ás candidaturas dos proscriptos republicanos?

Elle, que é tão socialista, bem deve saber que na França os eleitores de Marselha votaram no nome de Augusto Blanqui, para que este homem, que estava preso, recuperasse a sua liberdade na qualidade de deputado. Deve saber que na Italia o mesmo se fez para Annibal Cipriani e outros proscriptos.

Em Portugal, os eleitores do Porto faziam vingar as candidaturas do capitão Leilão e do alferes Malheiro, e, coisa espantosa e de consequencias serias, que os governos da monarchia prendessem, á entrada de S. Bento, os dois proscriptos republicanos, quando elles fossem a tomar logar nas côrtes.

Porque é que o dr. Affonso Costa não permittiu que isto se fizesse?

Porque é que teimou na sua candidatura?

Porque é que, uma vez eleito, nunca mais pensou nos emigrados?

Agora diz, em artigo anonymo, que não queria erguer as mãos supplicando.

Quem lhe lembrou que supplicasse?

O dr. Affonso Costa termina o seu desarrasoado arrasoado, que as mãos dos luctadores não se fizeram para se juntarem erguidas em oração. E accrescenta: *a actividade revolucionaria solicita-os.*

E remata: **Vamos! a pé e para a frente!**

Vamos?! Com as mãos dos luctadores e a pé?! Isso assim vá elle!

(a) *Annibal Cunha.*»

E' justo accrescentar que o auctor d'este e de outros artigos, que deixaram as pustulas do doutor escorrendo pus, nunca mais quiz relações de qualquer natureza com o bandalho irmão siamez do Margarido.

Outro tanto se não pode dizer do honesto astronomo sr. Duarte Leite, que insultou o Allonso para se deixar depois cavalgar por elle, e de outros, sem excluir o proprio Bruno, que, esmurrado pelo Allonso, escreve hoje na gazeta que considera e proclama o doutor vasio a primeira gloria nacional.

Ha estrumeiras onde, de espaços, florescem lyrios; da estrumeira republicana surgem sapos!

Y.

(1) A amnistia pede-a agora o *Mundo*... para o França Borges, o porco immundo que, — toda a gente o sabe — devia de ha muito habitar uma cella na Penitenciaria, se houvesse justiça n'esta terra...

(Nota do «Povo de Aveiro»)

Coitados!

Não lhes sahe do peito, este marmelo cru! Não tiveram remedio senão enguli-lo. Mas ficaram, para sempre, entalados!

Agora fomos ao Porto *clandestinamente*. Para conferenciar, no *salão reservado* do Centro Regenerador Liberal, com o *famoso* José Novaes e o não menos *famoso* Adolpho Pimentel. E tudo a *indicações recebidas d'uns poderosos d'Agueda!*

Coitados! Chegamos a achar graça a estes canalhas!

Coitados! Por um lado, não nos dão senão importancia. Coitados! Andamos alli, n'aquellas guellas, atravessado!

Não fomos ao Porto, sequer. Nem sequer conhecemos José Novaes ou Adolpho Pimentel. Nem de vista! Nem sequer sabemos onde fica o Centro Regenerador Liberal. Mas se andamos atravessado nas guellas dos miseraveis! Mas se somos o espectro dos miseraveis!

Agora annunciam que tambem iam para o Paço Real maços de exemplares do *Povo de Aveiro*. Que Sua Majestade a Rainha tinha especial predilecção pelo *Povo de Aveiro*. Que o *Povo de Aveiro* era lido por todo o alto pessoal palaciano. De maneira que o *Povo de Aveiro* era devorado, mais do que lido, *devorado*, — era e é, elles dizem que ainda não deixou de o ser — no Palacio Real, no Paço dos Navegantes, no Paço dos Bispos, nos Quarteis Generaes e quarteis dos regimentos e não temos... importancia nenhuma. Idiotas!

Veem de Lisboa — dizem elles — agentes superiores conferenciar comnosco a mandado dos mais altos chefes politicos. Vamos ao Porto conferenciar com outros. Os mais poderosos argentarios arranjam-nos assignaturas e dinheiro. E não temos... importancia nenhuma!

Idiotas! Idiotas!

De resto, quasi que chega a ser legitima a infamia com que mentem os miseraveis. Acostumados a receber dinheiro da Margarida, do Leandro, de tudo, baixo ou alto, limpo ou immundo, que os quer comprar, não comprehendem que se faça, seja o que for, sem se estar vendido ou alugado.

São coherentes! Ha coisas em que estes diabos são coherentes! O amigo do Padre Farinha e o amigo da Margarida das Flores são coherentes, valha a verdade!

Prostituidos no corpo e na alma!

Fundo de propaganda

Transporte do numero 1:368 .	317$710
João Francisco Angelo (Moita do Ribatejo).....	1$100
Ramiro Monteiro d'Aguiar (Paço de Souza).....	1$000
Manuel Antonio d'Aguiar (Trevões).	1$000
Um assignante de Santos (Brazil)...	7$500
Somma	328$310

A eterna farçada

Cabrito Macho quer agora demonstrar que o partido republicano não é contra a religião.

Encarado o facto pelo lado dos principios, é certo. Estamos d'accordo e estivemos sempre. E' certo, pois que o partido republicano nunca teve principios. Ou elle não fosse uma quadrilha. E a peor das quadrilhas.

Para o partido republicano ha interesses, não ha principios. Portanto, nem é contra nem a favor da religião.

Que haja ou não haja religião, que a religião dominante seja protestante, catholica ou hebraica, é-lhe inteiramente indifferente.

Para as quadrilhas ha só uma questão: favorece ou não favorece a religião os interesses da quadrilha? Quem favorece mais os interesses da quadrilha: são os catholicos, os protestantes ou os judeus?

Quem dá mais? Quem vende mais? Farçantes, que se atrevem a combater o que elles chamam os processos e a hypocrisia jesuitica! Farçantes!

E tanto isto é assim, queremos dizer, tanto a questão, para os republicanos, *é d'interesses*, que Cabrito Macho lá diz:

A Egreja tem a sua politica, que é coisa differente da fé, e essa politica os republicanos combatem-n'a no exercicio d'um direito que não lhes póde ser contestado.

Ora a politica da Egreja, em Portugal, tem-se limitado, ultimamente, a isto: a *não gramar os pulhas* que em nome da Republica proclamam a regeneração da patria.

Cabrito Macho... grama-os. A Egreja não os grama. Eis tudo!

Mas bastou que o padre, honestamente, e muito honestamente, não estivesse disposto, como o Cabrito Macho, a gramar os pulhas, para que os *redemptores* lhe movessem guerra de morte. E é claro que movendo-se guerra de morte ao padre move-se guerra de morte á religião.

Separar o padre da religião — dissemo-lo sempre, não o dizemos de hoje — é tudo quanto ha de mais hypocrita ou de mais asnatico. Dissemo-lo sempre, desde o tempo em que a guerra ao padre nos parecia, tambem a nós, um dever da idéa, e uma necessidade social.

O padre é a religião. E' o seu sacerdote, é o seu instrumento, é a sua funcção. O padre é a religião. A religião é o padre. Destruir um, é destruir o outro. Quem sahir d'aqui é parvo. Ou farçante.

Ora em paiz algum se tem movido guerra mais implacavel ao padre do que, ultimamente, a tem movido o partido republicano em Portugal. Logo, o partido republicano não tem respeito nenhum á religião. Quando diz que a respeita, mente. Como, de resto, mente sempre, e em tudo. Só não mente quem tem sinceridade. E o partido republicano não tem sinceridade nenhuma.

O odio ao padre, o facciosismo, a paixão com que elle é combatido pelos redemptores em Portugal, chega a isto. Alfredo de Magalhães foi fazer uma conferencia a Lisboa. E, (transcrevemos textualmente do *Mundo*) entre muitas outras baboseiras, disse:

O illustre orador falla depois sobre o padre, mostrando que ainda os melhores não são creaturas exemplares. Conta um interessante episodio que lhe referiu Guerra Junqueiro. Passando o grande poeta pelos Arcos de Val-de-Vez encontrou nos altos da Serra do Suajo um velho padre, cavando as suas terras. Deante d'aquelle quadro d'uma simplicidade biblica, Junqueiro pensou: "que feliz deve ser esta creatura, vivendo a verdadeira vida simples, cavando o pão que come, longe de todas as miserias e egoismos do mundo, cercado pelo amor sincero das suas ovelhas„. E batendo-lhe no hombro, communicou-lhe o juizo que formára. O padre disse-lhe:

— Effectivamente eu podia ser feliz, senhor. Não faço despeza. A minha vida é simples, como, bebo, durmo, digo a minha missa aos domingos e amanho tranquillamente as minhas terras. Mas ficou-me um habito do tempo de estudante, que é a minha desgraça. Todo o dinheiro que junto n'um anno de trabalho vou dissipa-lo pelo Natal a Braga, na batota!

E tendo assim demonstrado que ainda o melhor padre tem defeitos e dá maus exemplos, o dr. Alfredo Magalhães passa a dizer que se ao lado d'esses missionarios do erro nós contrapozermos a doutrina vivificante da verdade, está seguro de que na provincia não se levantará um unico homem para contrariar o advento do novo regimen por que todos anciamos.

Eis os pulhas, na sua mais pura expressão.

Não ha nenhum padre bom. O melhor, *é mau!* E para contrapôr aos padres, ainda os melhores, teem elles os evangelistas do bem e da virtude, os exemplarissimos cidadãos, modelares, sem macula, que se chamam Guerra Junqueiro, Affonso Costa, Cunha e Costa, Alfredo de Magalhães, Padua Correia, Santos Cardoso, João Chagas, Margarido, Ribas d'Avellar, Arthur Leitão, Alexandre Braga, etc, etc.

Eis os pulhas. Na sua mais pura expressão.

O padre portuguez é o menos reaccionario do mundo. Verdade incontestavel! E' o mais civilista. E' o mais honesto. Regra geral. Excepções não se discutem. Mas não *grama* os pulhas republicanos. E por isso, só por isso, soffre a guerra mais implacavel de que ha memoria no tempo presente.

Se os gramasse, se os gramar, o partido republicano não fazia, e não fará, a menor questão de clericalismo ou religião. O Guerra Junqueiro volta ao Suajo, á procura d'algum tapete da Persia, Christo de marfim, ou panella de cobre, para intrnjar *os simples*, e descobre *outro* padre que desminta completamente... o padre da batota!

Que, afinal, a differença que havia entre o padre da batota e o Guerra Junqueiro era só esta: Guerra Junqueiro nunca jogou senão... de cartas marcadas. E o pobre do padre do Suajo jogava... lealmente.

E eis porque um perdeu e o outro ganhou sempre!

Arre, pulhas. Arre... que excedem tudo!

O conde de Lucena!

Agora é o conde de Lucena quem paga as viagens ao conde d'Agueda!

Aquelles pulhas que rabiscam no *Diz-se*, a secção especial dos lupanares, que a Margarida das Flores creou quando tinha por conta o Margarido e subsidiava o jornal, teem tanta consciencia do que dizem que já não chamam ao conde de Sucena senão conde de Lucena. Que nos paga a nós os artigos e ao conde d'Agueda as viagens.

Imbecis!

Memorare...

Rei D. Manuel! Lembrae-vos antes de assignardes o decreto da amnistia, o que de vós um dia a historia dirá!

Lembrae-vos que praticareis o acto mais vil e infame que a historia de Portugal possa registar!

Lembrae-vos que a alma do povo vos amaldiçoará, qual D. Fernando e D. Henrique!

Lembrae-vos que os ossos de Vosso Pae estremecerão na frieza do seu sepulchro, de indignação e nojo por tal successor ter deixado regendo os destinos d'este povo!

Lembrae-vos que se Camões vos cantasse diria de vós: «Infeliz patria que tal filho teve»!

Lembrae-vos que se Vosso Pae, vos podesse falar diria como Nuno Gonçalves a seu filho: «Maldicto sejas tu como Judas o traidor e sepultado no Inferno, na hora em que esses que te cercam arrancarem de ti a assignatura de tal decreto sem tropeçarem no teu cadaver»!

Lembrae-vos que se tão baixo descerdes, a historia vos emparceirará com D. Fernando *o maricas*, D. João VI *o poltrão* e Nero *o matricida!*

Lembrae-vos finalmente que, depois de vos terdes coberto de opprobrio e vergonha, o povo na sua voz que é a voz de Deus, dirá como outr'ora de D. Henrique:

"Viva D. Manuel II
Lá no inferno muitos annos
Pois deixou em testamento
Portugal aos republicanos„.

Lembrae-vos de tudo isto D. Manuel, e senão quereis descer á cova sob um coro de maldições proferidas por todo um povo envergonhado por ter sido por tal rei governado:

Esto vir. Sêde homem e não salpiqueis de lama esta patria digna de melhor sorte.

Esto vir! Sêde homem, Rei D. Manuel!!!

Um portuguez amante da sua patria.

De Lisboa

. . . Sr. Homem Christo.

Isto vae n'um sino. A onda cresce d'uma maneira assustadora.

A indignação popular alastra vertiginosamente. Isto vae mais depressa do que se esperava. Já se ouve o rugir da tempestade. Se El-rei não põe cobro, quanto antes, a esta bachanal, quando lhe quizer acudir já será tarde. Se não demitte, quanto antes, o mais audacioso dos homens publicos de Portugal, está perdido. Bem tem dito o *Povo de Aveiro,* pela flagellante penna d'Homem Christo, que é necessario acudir de prompto a esta bambochata, senão tudo vae á vela: Rei, instituições, patria e tudo. Ou o Rei, como lhe cumpre, põe já, já, sem demora, cobro a isto, ou o paiz tem de proceder, com toda a energia, com a maior decisão, mas d'uma maneira estrondosa, o que será peor. Teixeira de Souza é o homem fatal que ha de levar o paiz ao abysmo. Nada, absolutamente nada o detem. Acima de tudo, elle, só elle, unicamente elle. Afunde-se a patria, as instituições, o Rei, o paiz, para elle é o mesmo, comtanto que elle e a sua quadrilha se salvem. Não ha tempo a perder, Rei de Portugal.

O paiz vae n'uma indignação crescente, e Teixeira de Souza é homem para fazer derramar ondas de sangue. Acuda, emquanto é tempo, meu senhor. O seu povo, que é bom, amoravel, dedicado ao seu Rei, merece que Vossa Majestade ouça os seus clamores, attenda as suas suplicas.

Em 1846 a revolução da Maria da Fonte começou com menos motivos e Costa Cabral nunca fez o que está fazendo o seu primeiro ministro, e as solas das botas de Costa Cabral valiam mais do que os miolos de Teixeira de Souza.

Costa Cabral sossobrou e a monarchia salvou-se porque entrou pelo paiz uma divisão hespanhola commandada pelo general Concha e veio ao Tejo uma esquadra ingleza, que prendeu os caudilhos da revolução.

Hoje a época é outra. Se o paiz se levantar, a monarchia não se salva, meu Senhor.

Se a bisavó de Vossa Majestade tivesse ouvido os conselhos dos seus subditos dedicados, não teria ella e a patria atravessado dias tão calamitosos. Quiz salvar o seu valido, perdeu-o, e ia-se perdendo a si. Não ha governo, não ha rei, não ha forças humanas que possam governar contra a vontade da nação. Teixeira de Souza quer pôr tudo a ferro e a fogo; quem lhe não obedecer é prezo, ameaçado d'ir para Timor, como anarchista, como se disse do padre Gonçalves Leitão, da Guarda, unicamente por andar a pedir votos no Sabugal.

Quem pedir votos para elle, pode fazer o que quizer, proceder como quizer, pedir o que quizer, que tudo lhe será satisfeito, até fazer pagar ao seu amigo do Alemtejo, contribuição de registo d'uma herança de 200 contos, como se fosse só de 20. Tudo, tudo, é permittido aos seus affeiçoados; nada, nada, absolutamente nada é tolerado aos que não se lhe venderam. Os homens dignos, honrados, sérios e patriotas estão ameaçados.

Este paiz é d'elle e dos seus amigos, para disfructarem a seu prazer, pondo e dispondo d'elle á sua vontade e ao seu arbitrio!

E' verdade que quando veio para a politica, disse logo aos seus amigos que vinha para ella para enriquecer, o que conseguiu em pouco tempo.

Depois de estar repleto de honras e proventos, disse que o que queria era *servir os seus amigos.*

Esta phrase foi como se deitasse milho aos gallos; desata tudo, de azas abertas, a bater para o Terreiro do Paço e de bico aberto a pedir milho, que tem sido lançado á creação em abundancia, esvasiando os celleiros do paiz, mas os gallos andam saciados.

Esta bambochata não era surpresa para ninguem, foi bem annunciada, do norte ao sul do paiz; o que admira é que o rei entregasse o governo ao mais completo quadrilheiro que tem apparecido n'esta terra de patos. E' um paiz unico este nosso Portugal! Basta ser audaz, atrevido, não ter escrupulos, para se conseguir tudo quanto se mette no bestunto dos crapulosos, dos insignificantes, dos relapsos. Basta ser bandalho, para se chegar aos mais culminantes logares da governação publica. Não é necessario, nem sciencia, nem consciencia, nem vergonha, nem escrupulos, nem brio, nem dignidade. Nada d'isto serve.

A bandalheira, a villania, a crapula e o desvergonhamento são os unicos titulos para se subir n'este abençoado paiz. O trabalho, a honradez, a dignidade, o brio e a honra são titulos negativos, que para nada servem. Quem tiver ambições copie Teixeira de Souza; prometta mundos e fundos, tem logo amigos aos cardumes, e depois, pode fazer o que quizer. Não necessita ter talento, nem saber, nem ser honrado nem ter dignidade; tudo isso lhe arranjam os amigos immediatamente. Até dinheiro lhe apparece de toda a parte. Pois não arranjou Teixeira de Souza logo 40 contos para comprar as *Novidades* assim que morreu Navarro? E pensam que elle paga um real d'estes 40 contos? Isso paga elle que é curioso.

Tambem quem lhe deu o dinheiro, nunca contou com isso. Mas o paiz ha de pagar em honras e benesses estes 40 contos, com juros de cem por cento. O primeiro que vae ser feito par do reino é *o benemerito* que deu ao Teixeira de Souza a massa para elle comprar as *Novidades.*

O resto ha de vir, se já não tem vindo em favores que valem mais do que isso, á custa do estado, já se vê.

Rapazes que andaes agora nas escolas, se tendes ambições, estudae Teixeira de Souza, apoiae-lhe os processos, ide-lhe na piugada, e chegareis á gloria. Escusaes de estudar muito, de trabalhar muito, de vos cançardes, de perder noutes sobre os livros; arranjae um curso como poderdes, imitae Teixeira de Souza e estareis servidos.

* * *

Nunca se viu em paiz algum do mundo um governo descer tanto. Nunca se consentiu tanto, nunca se tolerou tanto!

Pois até se consente que os jornaes jacobinos, perdão, os pamphletos jacobinos, escrevam nas suas columnas receitas ensinando o povo a fabricar bombas para exterminar a tropa!!!

Horror dos horrores! Se os conservadores, ou quaesquer outras entidades aconselhassem a empregar processos para exterminar os republicanos, o que diria esta *santa gente?*

Se alguem aconselhasse o povo a invadir as redacções d'esses pamphletos e reduzir tudo a pó, o que fariam esses berradores e perturbadores da sociedade portugueza!

E o governo associa-se ao insulto aos juizes, e manda-os até fazer nos seus jornaes. E o governo associa-se aos processos de exterminar os soldados, filhos do povo, que sahem dos seus lares, abandonando os seus trabalhos campesinos, abandonando suas mães, irmãos, a namorada, tudo, para, segundo a lei, defender a patria dos seus inimigos internos e externos, para o governo, o mais perverso dos governos, os abandonar á furia dos demagogos, consentindo que se preparem processos de os exterminar? Horror dos horrores!

Mas se isto assim é, consintam que os soldados se defendam, usando de armas eguaes, ou semelhantes, para exterminar os que premeditam extermina-los a elles.

Em que paiz do mundo se viu ficar impune quem aconselha a pratica de crimes tão abominaveis? Em que paiz do mundo se viu um rei, um governo, ou quem tenha algum mando, tolerar, indifferente, processos tão abominaveis como este? Só em Portugal e sendo ministro Teixeira de Souza!

Se este homem está compromettido, e está, a deixar fazer a republica, então acabemos com isto d'uma vez e não tragam mais tempo em sobresalto as consciencias da nação. Hoje atacam um juiz recto, digno, serio e honrado, mandam atacar os soldados a bombas de dynamite, amanhã mandarão assaltar as casas dos cidadãos onde supponham haver que roubar. Já quando foi do 28 de Janeiro se disse que o talisman com que impulsionaram os *seus honrados* correligionarios, foi com a promessa de consentirem trez dias de saque na cidade, sendo os primeiros estabelecimentos apontados o Banco de Portugal e Montepio Geral e outros de egual natureza.

Garanto que estes estabelecimentos se preveniram para se defender d'este premeditado assalto. E' possivel que Teixeira de Souza seja connivente no futuro assalto que os seus alliados premeditam a todas as casas onde presentirem haver dinheiro ou valores. Affirmo que não me repugna acreditar que elle sanccione este mirabolante plano, pois os seus antecedentes, de comparticipação nos incendios das repartições de fazenda de Alijó, Murça, Valpassos e Carrazeda de Anciães, leva-me a julga-lo capaz de consentir n'este bello e bem architectado gesto.

E' um bello engodo para attrahir os amigos dos seus amigos, que o ajudaram a assaltar o poder. Não é muito que elle ajude tambem a assaltar as nossas casas, e apoderarem-se dos nossos haveres. O caso é isso lhe fazer arranjo. Juro que o julgo capaz d'isso e de muito mais.

* * *

Promette Teixeira de Souza revogar o decreto que reduziu o imposto de rendimento aos funccionarios do Estado. Isto é simplesmente torpe, como são torpes quasi todas as medidas que aquella mioleira dessorada concebe. Foram aquelles impostos lançados em 1892 pelo governo de Dias Ferreira, como medida de salvação publica, e apenas por um anno. Pois duraram 16 e ainda não acabaram de todo, porque aos ordenados de 600$000 para cima só se reduziu 50 o/o. Agora vae Teixeira de Souza, para arranjar dinheiro para corromper consciencias, rouba-lo aos pobres e miseros funccionarios.

Como elle enriqueceu por estas magices, não se importa com as miserias dos outros. E supportarão callados, os funccionarios, esta premeditada extorsão? Se assim for, faz muito, muito bem o Teixeira de Souza em apertar a cilha.

* * *

Consta que El-rei, apalpado pelo seu primeiro ministro sobre a amnistia projectada para salvar os seus amigos implicados no regicidio, pôz suas duvidas, teve suas hesitações. Espera Teixeira de Souza que El-rei volte do Bussaco para dar nova investida e affirma que ha de ser decisiva e concludente.

Não acredito que o Rei se preste a tal infamia, porque, alem de tudo, é contra a natureza, contra a honra pessoal, contra o brio, contra o decoro e contra a dignidade propria. Então o sr. D. Manuel ha de, pelo seu proprio punho, assignar um diploma que livre de toda a culpa os assassinos de seu infeliz pae e irmão? Não ha no mundo um homem, por mais vil, por mais abjecto, por mais torpe, que perdoasse aos assassinos de seu pae. Quem o fizesse ficava deshonrado, e El-rei é brioso, digno e pundonoroso; não é capaz de tal abjecção.

Se o sr. D. Manuel tem um ministro tão bandalho que lhe vá propôr tal ignominia, deve corrê-lo com um gesto cheio de asco e de nojo, e assim mostrará ao paiz que tem sentimentos nobres e sente um estremecimento de amor filial e fraternal.

A. P.

PROVINCIAS

Pedrogam Grande

Permitta-me V. que hoje venha occupar um pedacinho do seu precioso jornal que tão necessario se torna para tratar de outros assumpos, mas a verdade é que não se pode deixar passar sem correctivo um pedaço d'asno que n'esta villa é conhecido pelo *Tónho contrabandista* e tambem um grande republiqueiro... Mas que irrisão!!! Este bacamarte, que nas ultimas eleições conseguiu levar á urna *oito votos* incluindo o seu e o de seu criado, e isto depois de andar durante trez dias pelas freguezias a mendigar e a offerecer alguns vintens para uma pinga aos eleitores, parece que se tem esforçado o mais possivel para ver se consegue que o *Margarido e Quejandos* aqui venham fazer um comicio!!! Não sabemos se elles estão resolvidos a isso, nem tão pouco se a auctoridade lh'o consente, mas da forma como o povo está exaltado com as acções d'este fajardo, é natural que se repitam as mesmas scenas dos nossos visinhos da Louzã. Tenham pois muito juizo, e vejam no que se mettem... O Fanfarrão com certeza que ha-de affirmar não haver novidade, mas é elle quem ao recolher das gallinhas se mette dentro da jaula, não tornando a sahir sem que o sol o vá visitar no dia seguinte. — As suas correspondencias *in extremis* publicadas no jornal immundo, apezar de coloridas por mão extranha e abjecta, são classificadas como feitas por um inepto, e tão inepto, que tem a audacia de vir a publico manchar nomes de pessoas e familias honradas com quem se não pode comparar, e a quem já n'outros tempos comeu as sôpas. Não admiramos, porque a sua indole é, e foi sempre má. Os factos da sua vida fazem corar de vergonha todas as pessoas que d'elles têem conhecimento... Alguns se teem dado com a sua propria familia, que são de fazer arripiar os cabellos!!! Não iniciamos hoje a grande série, porque o espaço se torna preciso para outros assumptos, mas lá iremos e então os leitores terão occasião de apreciar as suas *grandes chagas.*

Leitor assiduo.

—†—

Taboaço

Insigne portuguez

O promettido é devido. E eu que prometti no ultimo numero do seu patriotico jornal pôr a nú as chagas do Alvaro d'Azevedo Osorio, que a corja politica poz á frente do nosso concelho, não posso deixar de pagar a divida.

Hoje contarei uma celebre "partida„ do *immaculado,* assás sufficiente para se averiguar do caracter do administrador de Taboaço. Não ha muito tempo bateu-lhe á porta a necessidade de soccorrer *pobresinhos* (!); apalpou o bolso e não viu nada, accendeu depois uma vela e nada encontrou, ogo depois accendeu um gazometro e... nada! Ora esta — exclamou — E agora? Vou vender uma quinta — diz lá comsigo. Mas — oh! fatalidade de quem nasce sem eira nem beira! percorrendo a gaveta não encontra lá um unico documento por onde provasse que possuia... onde cair morto.

Outros, no seu caso, diriam aos *necessitados* (!): *amiguinhos* do meu coração, como ninguem dá o que não tem, ide mendigar a outra porta. Mas, qual cabaça, isso seria deixar de corresponder ao alto conceito *politico* (!) em que a sua basofia o quer collocar. Vade retro lá para as Quelhas. Isso não — diz elle á voz do bocadinho de consciencia que ainda então possuia.

E raciocina: — Quem não tem e necessita ou pede ou rouba; at qui eu não tenho e necessito; ergo ou peço ou roubo...

Alea jacta est — diz. Um passeio até ao Pereiro pouco custa. E' muito possivel que meu compadre Curato Ferreira esteja pelos ajustes. Tambem, se aquelle ingenuo me não abre a porta, arrombo-lh'a. *A necessidade* (!) não tem lei.

Dito e feito, pensado e succedido...

— Compadre, amigo, correligionario, tu para quem a natureza olhou com vista mais prodiga que para mim; tu que possues um coração; tu que talvez tenhas sentido tambem o que sejam necessidades: protege, favorece, soccorre aquelle a quem um dia convidaste para padrinho de um producto querido de teus amores. Pois sabe, compadre, amigo, correligionario, que hontem a Rita — eram altas horas d'aquella bella noite de luar! — se sentiu *incommodada.* Quer banhos, quer cobritões, quer doces, quer... dinheiro. Eu não o tenho e, por mais que queira, não te posso occultar a minha pobresa. Bati á porta d'Aquelles "a quem Néptuno e Marte obedeceram„. Não m'a abriram, "Tu, só tu, puro amor„ és capaz de me aliviar. Vá, pratica uma obra de misericordia e empresta-me 200$000 reis, "que eu em vindo o verão pago-te seja o que fôr„.

— Alvaro amigo, responde-lhe o compadre, "que fizeste durante o verão„.

— Eu... "cantar ao desafio„.

— Pois bem, "quem o verão passa a cantar é bem justo que passe o inverno a dançar„.

E — oh! crueldade da sorte! — nem lhe emprestou "grão„ nem quiz que elle se servisse do seu nome para outros lh'o emprestarem!... Infelicia das infelicias! Cabisbaixo, tendo exarado no rosto o signal da melancholia, volve, qual caranguejo amaldiçoando a Deus e aos homens, perdoando sómente á Ninfa-Quelhas. Hei de me vingar — saiba-o Deus e toda a gente — heide-me vingar... E — O' Justiça! — que faz? — Remexe a gaveta da correspondencia, encontra n'ella uma carta d'aquelle seu compadre, compra uma leitra, e... o resto sabe-o todo o mundo em Taboaço.

Que bella moralidade!...

Que *insigne* administrador!...

(Continuarei).

De V. etc., admirador sincero

Um leitor assiduo.

—†—

Charneca de S. Bartholomeu

Sr. Redactor até a este desprezado povo chegou a malandragem.

Senão vejam... Ha pouco mais de meia duzia de dias ou mezes que aqui estou; pois como existia na minha casa o seu jornal, que como se sabe não poupa a canalha, coisa que eu muito gosto de vêr, e por isso o felicito, disseram-me que se os republicanos d'aqui o vissem que seriam capazes... não sei de que. Não fiz caso. Tratei de saber quem eram. E hoje só me vou a occupar d'um, deixando os mais em paz por d'elles não ter offensas...

Esse tal homem, todo influido na politica d'esses que V. ahi classifica como a coisa mais ordinaria d'este paiz, quer V. saber quem é?... quer?... pois ahi fica quem é.

E' um arranca barbas, que só poderia ter o officio de esfolar cães; é egual á mesma canalha, um bebedo pôrco que, depois de encher o estomago, anda por toda a parte vomitando, e que por não poder estar em pé, cae para o meio do chão. Muitas vezes o teem levado para casa, praticando disturbios como um louco, dando logar a toda a gente se rir até mais não poder; e fazendo as scenas mais tristes que se podem ver n'um homem; tambem exerce o officio de candongueiro quando tem occasião. Um caloteiro. Estão para o pôr na rua por não ter pago a renda da casa, segundo dizem, ha um anno ou quinze mezes. E' das coisas mais ordinarias que pode existir como republicano e como homem e para que vejam quanto é bandalho e canalha vou explicar.

Ha dias veio para aqui um outro homem que, falando a verdade, vale mais, sem comparação cem vezes mais que elle. Pois de combinação com outro bandalho e canalha como elle, como vissem a freguezia a fugir, para quem os servia bem, lembraram-se esses dois imbecis de se pôrem a diffamar o homem para ver se faziam de maneira que a freguezia lá não fosse; porem bem cara a iam pagando. Como o homem não fosse para graças, apenas o soube foi-se a elles, principalmente a um que se não foge estava hoje no cemiterio, pois por ser um animalão mais grande que um burro e o outro uma creança no corpo e na edade por toda a resposta fugiu e como de ahi a dois dias estivesse alegando desculpas para um amigo do mesmo homem e fosse presentido, o homem foi outra vez a pedir-lhe satisfações, pois fez o que já tinha feito anteriormente, acção que só fazem os cobardes e canalhas como lhe chamou o mesmo homem. Ainda não acaba aqui; o arranca barbas, como o encarregassem de receber o dinheiro do centro d'elles, não deixou de se apoderar do que poude, fazendo um desfalque que só elle sabe a quanto monta, o que lhe valeu ser-lhe tirado o logar.

Ahi tem, sr. Redactor, o arranca barbas que tanto odio tem ao seu jornal. Mas porque?... Porque V. descobre as faltas a quem as tem e que se diz republicano. Pois pode V. classificar tambem este como cigano que é a apparencia d'elle. Que defenda os chefes, que é coherente, pois é da laia d'elles.

Agradecendo a V. a publicação d'estas linhas muito reconhecido lhe fica

De V. etc.

Um admirador e defensor do «Povo de Aveiro».

Tornamos a pedir aos nossos assignantes, afim de nos evitarem buscas trabalhosas, o favor de porem sempre o numero das cintas nos seus avisos ou reclamações.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 39; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59, João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Amaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27. Tabacaria Machado, Palacio Foz, Praça dos Restauradores, 31 K. Domingos Silva, kiosque do Largo do Intendente.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa, 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho — Kiosque Reis; **Vizeu** — Kiosque do Rocio; **Chaves** — Annibal de Barros. **Villa Real** — Kiosque Trindade, **Alvorninha** — Paulino da Silva Mendes. **Estoril** — Alfredo Pinto, Buffete da Estação. **Villa Franca de Xira** — Tabacaria Marciano Mendonça. **Seixal** — Profirio Ferreira. **Villa Velha de Rodam** — Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde** — Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem** — Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul** — José Augusto d'Almeida. **Fáro** — Francisco Matheus Fernandes. **Evora** — Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes** — José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Cortegana**, Alemquer — João dos Santos Pereira. **Paderne**, (Algarve) — Antonio Anacleto d'Oliveira.

Torres Novas — João Rodrigues Sentieiro. **Amareleja** — **Moura** — Manuel Frade. **Castello Branco** — Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo** — Fortunato Reinata. **Tondella** — Mario do Carmo. **Pedrogam Grande** — Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova** — Christiano Pereira Barata. **Ançã** — José da Costa Neves. **Braga** — Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa** — Francisco da Costa Carvalho. **Monsão** — João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos** — José Miguel Fernandes David. **Pinhel** — Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

Vianna do Castello — No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego** — Joaquim Valente. **Elvas** — Luiz Samuel da Silva. **Agueda** — Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã** — João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa** — Antonio Ernesto Esteves. **Fundão** — Belarmino Barata **Guarda** — José da Silva. **Arganil** — José Baptista de Carvalho.

Cadaval — Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço** — Arthur Carvalho. **Moura** — José Fragoso de Lima Nunes. **Tavira** — Francisco Peixoto. **Alcochete** — Joaquim Valentim. **Santarem** — Vende-se nas ruas. **Cezimbra** — Antonio José Pereira. **Coja (Arganil)** — Antonio das Neves Pimenta — **Castello de Vide** — Antonio Louenço Beliz. **Villa do Cano** — Antonio Martins Florentino.

Louzã — Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines** — A. Cabrita do Rosario. **Carregal do Sal** — Ramiro Paes Esteves. **Coimbra** — Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital** — José de Mello Alves Brandão. **Alcobaça** — Antonio Vazão. **Gouveia** — Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria** — Jayme Monteiro. **Portalegre** — João Gervasio Coelho Largo da Sé. **Vendas Novas** — Joaquim Maria de Andrade (o *Varino*). **Setubal** — Manuel Tavares. **Arronches** — Miguel Maria. **Certã** — Luiz da Silva Dias. **Santo Amaro (Oeiras)** — Francisco Mórem. **Mirandella** — Annibal Cunha.

Vianna do Alemtejo — Joaquim Antonio Carvalho. **Loriga** *(Ceia)* — João Mendes Cabral Lages. **Escalios de Cima** (Beira Baixa) — Miguel Maria Tavares. **Lagôa**, (Algarve) — Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa** — Luiz Fillippe d'Abreu **Bragança** — Manuel Benito. **Funchal** — Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira** — Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis** — Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha** — Venda pelas ruas. **Porto de Móz** — José Henriques. **Alandroal** — Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Thomar** — Joaquim da Costa Carvalho. **Alemquer** — João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe** — Almeida Guimarães & Alves. **Cabanas** — Julio Requixa. **Ponta Delgada** — **S. Miguel** — Café Tavares. **Guimarães** — Antonio Lopes Martins. **Esmoriz** — Paulino Rodrigues d'Almeida **Olhão** — Antonio de Souza Gouveia. **Villa do Espinhal** — Augusto Duarte Bento. **Moita do Ribatejo** — Victorino Soeiro.

Ponte do Lima — Estabelecimento do sr. Antonio da Cunha Nogueira. **Povoa do Varzim** — Marques & Carneiro. **Ilhavo** — Estabelecimento de Bernardo Razoilo. **Belmonte** — José Ribeiro d'Andrade.

BRAZIL

Rio de Janeiro — Chrysantho Manuel de Mello — Associação dos Empregados do Commercio — Avenida Central, 120; Livraria Schettino — Rua do Ouvidor, 18; — Rua 1.o de Março (esquina da rua do Ouvidor) ponto dos Jornaes; Braz Lauria — Rua do Ouvidor, 181; A. Moura — Rua da Quitanda, 114; Gare da Estrada de Ferro Central.

Manaus — Agencia Freitas.

Santos — José de Paiva Magalhães, rua de Santo Antonio, 84, 86.

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

JOSÉ DAVID

265 — Rua Sá da Bandeira

PORTO

Molduras para quadros. Estampas em gravura, etc. Chromos para estudo a aguarella. Passe-partout artisticos por medida. Lavagem e retoque de gravuras antigas. Envernizamento de mappas.

Artigos graphicos

Os melhores, os mais baratos, os mais resistentes, são os da casa PEDRO, MIRANDA & C.a SUC.res. Representante da Casa **J. G. Schelter e Guescke** incontestavelmente a melhor fundição do mundo!

Material branco, **estrangeiro,** sempre em deposito, ao preço do nacional.

Pede-se a todos os srs. industriaes que não fechem as suas transacções sem consultarem os nossos preços.

Pedidos a

PEDRO, MIRANDA & C.a Suc.res

Rua da Picaria, 59—PORTO

Telegrammas «ADNARIM» **Porto.**

AGUA DA CURÍA

Semelhante á de Contrexéville

Estimula a acção dos rins que são os filtros do corpo humano.

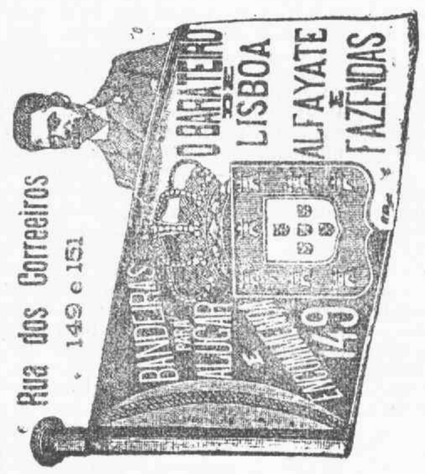
Experimentae a

AGUA DA CURÍA

Representante e depositario em Lisboa:

Humberto Bottino

Praça dos Restauradores, 31-H



Confeitaria Rio de Janeiro

SANTA CATHARINA, 275 — PORTO

— A. Rocha —

Completo sortido de todos os artigos de confeitaria. SALA PARA LUNCHS.

DAO-SE SENHAS DO BONUS UNIVERSAL

Confeitaria Moreira

— 253 — Rua do Bomjardim — 257 —

ESQUINA DA CANCELLA VELHA

PORTO Telephone: 1220

E' uma das casas mais bem sortidas — de confeitaria e mercearia — e que melhor serve o publico.

Tinta de copiar a secco

Sem molhar o papel e conservando os copiadores como novos. Economia de tempo e trabalho. Excellente resultado na pratica. Ultima novidade. Descontos aos revendedores.

Deposito geral:

Rua de S. Paulo, 9, 1.o — LISBOA

TELEPHONE: 2378

Rua de Santa Catharina, 32, 1.o — PORTO

FOMENTO AGRICOLA

Companhia Internacional de Seguros

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

— CAPITAL, 600:000$000 RÉIS —

SÉDE — Rua do Ouro, 292, 1.o

LISBOA

Indemnisações pagas por sinistros desde a fundação até 25 de Abril de 1910:

170:087$055 réis

Seguros de propriedades e moveis; seguros maritimos, agricolas e postaes.

Peçam-se tabellas. Agencias em todas as cidades, villas e aldeias do continente e ilhas.

Aceitam-se agentes aonde os não houver

Typographia a vapor

DO

Povo de Aveiro

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, das casas Bauer, Schelter, Berthol, Klinkardt, Ingenfrost, Dietz & Listing, Albert & C.a, Turlot, se fazem todos os trabalhos typographicos, como livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de visita, bilhetes de estabelecimentos, memoranduns, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a Francisco Manuel Homem Christo, proprietario e director do *Povo de Aveiro.*